



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**

**FERNANDO JOSÉ BEHRENS E ALBUQUERQUE**

**O PERCURSO DO HERÓI EM *HABITANTE IRREAL*: UMA LEITURA POSSÍVEL  
SOBRE O HERÓI PROBLEMÁTICO NO LIVRO DE PAULO SCOTT.**

**SALVADOR**

**2015**

FERNANDO JOSÉ BEHRENS E ALBUQUERQUE

**O PERCURSO DO HERÓI EM *HABITANTE IRREAL*: UMA LEITURA POSSÍVEL  
SOBRE O HERÓI PROBLEMÁTICO NO LIVRO DE PAULO SCOTT.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Bacharelado em Língua Estrangeira Moderna ou Clássica/Alemão, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção no grau de Bacharel em Língua Estrangeira Moderna ou Clássica/Alemão.

Orientador: Prof. Doutor Igor Rossoni

**SALVADOR**

**2015**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao Senhor pois "é Ele quem opera em vós tanto o querer como o realizar, de acordo com Sua boa vontade". (Filipenses 2:13)

Agradeço ao meu orientador Igor Rossoni, que com paciência e dedicação soube me corrigir e conduzir a um nível de organização que me faça ser melhor compreendido.

Agradeço às professoras Isabela Almeida e Eloá Teixeira, pois examinaram esta produção.

Agradeço sobretudo aos meus pais, pois me deram todas as condições materiais para o meu crescimento.

"Der Strom mit seinen Bächen erfreut die Stadt  
Gottes, die heiligen Wohnungen des Höchsten.

Gott ist bei ihr drinnen, darum wird sie  
festbleiben; Gott hilft ihr früh am Morgen."

Psalm 46:4-5

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar o resultado de investigações feitas na obra literária *Habitante Irreal*, lançada no ano de 2011, de autoria do escritor gaúcho Paulo Scott, tendo como objeto de estudo os desdobramentos temáticos e percursivos do personagem Paulo, à luz do conceito de "herói problemático" defendido pelo filósofo húngaro George Lukács.

**Palavras-chave:** *Habitante Irreal*. Paulo Scott. O herói problemático. George Lukács

## RÉSUMÉ

Ce travail a le but de présenter le résultat des investigations réalisées autour de l'oeuvre littéraire l'Habitant Irréel (Habitante Irreal), sortie l'an 2011 et écrite par Paulo Scott, écrivain brésilien, prenant comme objet de recherche les axes thématiques et le parcours du personnage Paul, regardé selon le concept d'"héro problématique" soutenu par le philosophe George Lukács.

**Mots-clés:** Habitant Irréel. Paulo Scott. l'héro problématique. George Lukács

## SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	8
2	O HERÓI PROBLEMÁTICO À LUZ DE GEORGE LUCÁKS	11
3	O LUGAR DE PAULO E DOS BRASILEIROS NAS LUTAS POLÍTICAS DOS ANOS 80.	23
4	LEITURA TEMÁTICA DO ROMANCE HABITANTE IRREAL	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	61

## 1 APRESENTAÇÃO

O hábito da leitura é indispensável para o desenvolvimento de inúmeras instâncias da existência humana (como a ético-moral, intelectual, cívica, entre outras); além de subsidiar a aprendizagem pela fixação do ensino; catalisar saberes técnicos e filosóficos; ampliar o domínio do vocabulário da própria língua; como também acelerar o raciocínio, a memorização e a interpretação dos enunciados por meio de um discurso ou uma produção textual.

Através da leitura podemos deter detalhes inusitados e extraordinários do mundo que nos cerca, e que muitas vezes passam despercebidos pelos olhares açodados<sup>1</sup>. A importância de nos cercarmos de livros é, por tanto, nos cercarmos de vozes que nos traduzem o mundo que nos envolvem, desde os elementos mais interstícios, desde as regiões mais recônditas. Em função dessa perspectiva, a narrativa é uma das mais comuns formas de registro escrito de saberes entre os numerosos tipos de composições escritas. A narrativa pode apresentar-se em diversas formas, tais como o romance, o conto, a fábula, a novela, as histórias em quadrinhos, textos teatrais, a lenda, a crônica, a balada, a comédia, a parábola, entre outros.

Nessa constante, o presente trabalho realiza uma leitura temática do romance do premiado escritor gaúcho Paulo Scott intitulado *Habitante Irreal*, transmitindo e comentando as principais passagens desse enredo, demonstrando que o personagem principal - o *herói* da narrativa - pode ser compreendido através das teorias literárias desenvolvidas pelo pensador George Lucács sobre as características, como o pensador mesmo chama, do *herói problemático*. E assim, enfatizando a teoria desse filósofo húngaro a respeito de como os elementos narrativos presentes na composição do personagem principal em qualquer contextura romanesca podem denunciar o estágio evolutivo da sociedade e cultura na qual tal romance foi concebido.

---

<sup>1</sup> Apenas para citar três simples exemplos, quem, sem o auxílio de livros ou de qualquer outra transmissão de registros de saberes, poderia conhecer plenamente o processo de fecundação em uma flor que se dá pelo transporte do grão de pólen da antena do androceu até o estigma do gineceu? Quem reconheceria em uma simples borboleta, um viajante de milhares de quilômetros que cruzou toda a América Continental para nidificar em florestas tropicais? Ou ainda, se não fosse o desenvolvimento e preservação da leitura psicanalítica, como poderíamos estar suficientemente atentos à certos elementos da fala humana que denunciam ser o homem ainda intimamente vinculado às imagens não extirpadas da infância, o bloqueando para necessária passagem à vida adulta?



Para tanto, a primeira secção deste trabalho se dedica a fazer com que enxerguemos, em linhas gerais, os personagens de um romance - mas especialmente o protagonista - como o elemento narrativo capaz de sintetizar em seu comportamento um novo limiar de cultura, um novo modelo de vida. Ou seja, a forma como, com o passar dos séculos, as vocações e inclinações dos protagonistas partiram de um sentimento coletivo e intimamente imantado com os fundamentos e o futuro do próprio povo - como presente nos épicos de Virgílio e Homero - e passaram a se deter em conflitos internos, hedonistas, idiossincráticos, pragmáticos e personalíssimos, pronunciando destarte uma notável mutação nos elementos constituintes do personagem na narrativa romanesca. Tal mutação é o marco principal para a abordagem de teorias literárias que buscam se vincular à sociologia a fim de defender a ideia de que o que se *colhe* a respeito do personagem em um romance pode ajudar a esclarecer melhor o estágio evolutivo daquela sociedade na qual tal romance se originou.

Partindo desse fundamento, o filósofo húngaro George Lucáks, nos faz saber em seu livro *A Teoria do Romance* que a composição romanesca moderna é, geralmente, ancorada no cenário da vida do protagonista em constante conflito com o mundo e os demais personagens que o cercam, em muitos momentos desprovido dos virtuosos valores presentes nos heróis das narrativas épicas, apresentando, por tanto, um comportamento reacionário, dúbio e quase sempre imprevisível. Tais características pessoais do protagonista dos romances modernos podem ser vistas como o reflexo na mente do personagem da perda da segurança que havia quando o mundo se resumia ao limite da própria aldeia, onde a vida era previsível (limitada em um ciclo nitidamente menor do que o qual vivemos atualmente), até mesmo quando a população era surpreendida por invasores.

A segunda secção deste trabalho traz uma leitura a respeito do cenário histórico e político vividos pelos brasileiros durante a década de oitenta. Esse panorama histórico se justifica por ser quase a totalidade da narrativa *Habitante Irreal* desenvolvida no período da história brasileira compreendido entre o fim da ditadura militar - com o término do governo de João Baptista Figueiredo - e a eleição à Presidente da Republica - vencida pelo candidato Fernando Collor de Mello - após mais de duas décadas de regime ditatorial.

Ao nos debruçarmos para compreender detalhadamente o romance *Habitante Irreal*, aceitamos que é mister um capítulo inteiro dedicado aos detalhes da fisionomia histórica vinculada ao tempo e ao espaço em que se desenrola a narrativa. Não só porque, fatalmente,

em praticamente todas as narrativas romanescas, as forças políticas e históricas contagiam o comportamento dos personagens, mas, principalmente porque em *Habitante Irreal* o protagonista Paulo é intimamente ligado as atividades políticas de sua época, fato que se constitui um elemento narrativo importante pelo qual o leitor tem acesso às características intrínsecas da personalidade desse personagem.

A terceira e conclusiva secção deste trabalho traz a leitura temática do romance aqui estudado, retomando as passagens centrais da narrativa *Habitante Irreal*. Neste capítulo, se pode compreender melhor os traços intrínsecos e personalíssimos do personagem Paulo vistos através da teoria literária desenvolvida por George Lukács a respeito do *herói problemático*.

## 2 O HERÓI PROBLEMÁTICO À LUZ DE GEORGE LUCÁKS.

Em *A Teoria do Romance* (2007), George Lukács concede estudos significativos a respeito de diversos gêneros literários. O autor se debruça sobre a épica, a tragédia e o romance, sendo os dois últimos o resultado das diversas transformações, evoluções e involuções sofridas pela sociedade ao longo dos séculos, contados a partir das narrativas épicas. Neste trabalho, partiremos de uma breve abordagem histórica e teórica sobre os fundamentos da épica para, em seguida, atingir mais especialmente a modalidade literária romance, não nos atendo à tragédia, mas nos valendo de alguns conceitos da fisionomia deste último, para apontar os caminhos evolutivos da narrativa desde a antiguidade clássica até os dias atuais. Deste modo, o gênero romanesco no século XX assume características intrínsecas do estado de desdobramento histórico e filosófico da sociedade em que surgiu, e o personagem principal exibe notáveis transformações que o fazem ser designado por herói problemático<sup>2</sup>.

Por partir da defesa de que as configurações estéticas contidas em uma obra literária não podem ser concebidas apenas pela simples vocação dos respectivos autores, Lukács consolida a abordagem partindo das obras épicas gregas, nomeadamente *Ilíada* e *Odisseia*.

A épica é apresentada como a narração poética dos atos heroicos de um ou mais personagens oriundos, seja da história, seja do legado imaginário de um determinado povo. Nela a metafísica e o sobrenatural – por meio de intervenções divinas – se coadunam com a estatura sempre destemida dos protagonistas, intimamente vinculados com as questões do respectivo povo ou nação. Este vínculo deságua na interstícia ligação do herói com a natureza.

Afortunados os tempos para os quais o céu estrelado é o mapa dos caminhos transitáveis e a serem transitados, e cujos rumos a luz das estrelas ilumina. Tudo lhes é novo e no entanto familiar, aventureiro e no entanto próprio. O mundo é vasto, e no entanto é como a própria casa, pois o fogo que arde na alma é da mesma essência que as estrelas, distinguem-se eles nitidamente, o mundo e o eu, a luz e o fogo, porém jamais se tornarão para sempre alheios um ao outro, pois o fogo é a alma de toda luz e de luz veste-se todo o fogo. Todo ato da alma torna-se, pois, significativo e integrado nessa dualidade, perfeito ao sentido e perfeito para os sentidos, integrado, porque a alma repousa em si durante a ação, intergrado, porque seu ato desprende-se dela e, tornando si mesmo, encontra um centro próprio e traça a seu redor uma circunferência fechada. (LUKÁCS, 2007, p. 25)

---

<sup>2</sup> Oportunamente, no terceiro capítulo, demonstraremos, através da explanação da vida de Paulo, personagem principal de *Habitante Irreal* (2010), que o mesmo pode ser perfeitamente considerado como herói problemático.

Portanto, tem-se nos épicos uma notável sintonia da alma humana representada pelos heróis frente às próprias atitudes. Ainda que os personagens sejam assaltados pelos mesmos transtornos do mundo atual<sup>3</sup>, a narrativa nos transmite uma harmonia no comportamento do herói em relação ao meio que o circunda.

Essa é a era da epopéia. Não é a falta de sofrimento ou a segurança do ser que revestem aqui os homens e ações em contornos jovialmente rígidos (o absurdo e a desolação das vicissitudes do mundo não aumentaram desde o início dos tempos, apenas os cantos de consolação ressoam mais claros ou mais abafados), mas sim a adequação das ações às exigências intrínsecas da alma, a grandeza, ao desdobramento à plenitude. Quando a alma ainda não conhece em si nenhum abismo que a possa atrair à queda ou a impelir à alturas ínvias, quando a divindade que preside o mundo e distribuem as dádivas desconhecidas e injustas do destino posta-se junto aos homens, incompreendida mas conhecida, como o pai diante do filho pequeno, então toda a ação é somente um traje bem talhado da alma. (LUKÁCS, 2007, p.26)

Assim, George Lukács instrui a respeito da tendência de como as características intrínsecas dos heróis épicos, em geral, são representadas:

Aí não há ainda nenhuma interioridade, pois ainda não há nenhum exterior, nenhuma alteridade para a alma, ao sair em busca de aventuras e vencê-las, a alma desconhece o real tormento da procura e o real perigo da descoberta, e jamais põe a si mesma em jogo, ela ainda não sabe que pode perder-se, e nunca imagina que terá que buscar-se. (LUKÁCS, 2007, p.26)

Deste modo, a épica homérica transmite uma emulsão entre o destino histórico de um povo com o seu ícone. Ainda que dotado de inabalável intrepidez, o protagonista só pode exercer a excelência do poder por sintetizar historicamente as viabilidades de evolução social, tais como expansão territorial, dominação de outros povos, descobertas científicas, domínio de técnicas agrícolas, metalúrgicas e militares dominadas pelo povo. A vitória do herói, aqui, não é sua, e sim de toda a população, e o fracasso significa a derrota da nação.

Baseado no conceito hegeliano de oscilações dialéticas entre tese, anti-tese e síntese, Lukács enfatiza ser a história um eterno devir, e cada realidade momentânea, trampolim para uma nova configuração evolutiva. Tais convicções sobre as diversas metamorfoses sofridas pelas sociedades no decorrer dos séculos, levará George Lukács a registrar que a forma de representar o herói na literatura também sofreu profundas transformações.

---

<sup>3</sup> Consideramos “atual” o período do século XX, uma vez que Lukács publica sua obra em 1976 e analisa a figura do anti-herói em romances anteriores a essa época.

A coincidência entre história e filosofia da história teve como resultado, para a Grécia, que cada espécie artística só nascesse quando se pudesse aferir novo relógio do sol do espírito que sua hora havia chegado, e desaparecesse quando os arquétipos do seu ser não mais se erguessem no horizonte. (LUKÁCS, 2007, p.38)

Michael Foucault, por sua vez, ilustra a volubilidade no comportamento das entidades históricas em *A Micro-Física do Poder* (1997). Ao refletir sobre o dinamismo das transformações sociais, o filósofo elucida o comportamento dúbio dos chineses revolucionários compreendido desde a sublevação das massas oprimidas até à formação do Exército Vermelho.

Tome a China como exemplo: a primeira etapa é a revolucionarização ideológica das massas, as aldeias que se sublevam, os atos justos das massas camponesas contra seus inimigos: execuções de déspotas, todo tipo de revide a todas as exações suportadas durante séculos, etc. As execuções de inimigos do povo se multiplicam e podemos dizer que são atos de justiça popular. Isto está certo: os olhos do camponês vêm de maneira justa as coisas e tudo vai muito bem no campo. Mas em um estágio posterior, no momento da formação de um Exército Vermelho, já não estão simplesmente em cena as massas que se sublevam e os seus inimigos, mas as massas, os seus inimigos e um instrumento de unificação das massas que é o Exército Vermelho. Nesse momento, todos os atos de justiça popular são fundamentados e disciplinados. E é preciso jurisdições para que os diferentes atos possíveis de vingança estejam conformes ao direito, a um direito do povo que já não tem nada a ver com as velhas jurisdições feudais. E preciso estar seguro de que tal execução, tal ato de vingança, não será um ajuste de contas, portanto, pura e simplesmente a desforra de um egoísmo contra todos os aparelhos de opressão também fundados no egoísmo. Neste exemplo há realmente o que você chama de uma terceira instância entre as massas e os seus opressores diretos. Você continuaria a afirmar que nesse momento o Tribunal Popular não somente não é uma forma de justiça popular, mas é uma deformação da justiça popular? (FOUCAULT, 1997, pg.98)

A mesma instabilidade das instâncias historicamente consolidadas da sociedade pode ser facilmente observada ao lado das conclusões de Foucault a respeito do desaparecimento, criação, evolução e involução dos inúmeros aparelhos governamentais.

Eu gostaria de examinar um pouco a história do aparelho de Estado judiciário. Na Idade Média se substituiu um tribunal arbitral (a que se recorria por consentimento mútuo, para por fim a um litígio ou a uma guerra privada e que não era de modo nenhum um organismo permanente de poder) por um conjunto de instituições estáveis, específicas, intervindo de maneira autoritária e dependente do poder político (ou controlado por ele). Essa transformação apoiou-se em dois mecanismos. O primeiro foi a fiscalização da justiça: pelo procedimento das multas, das confiscações, dos sequestros de bens, das custas, das gratificações de todo tipo, fazer justiça era lucrativo; depois do desmembramento do Estado carolíngio, a justiça tornou-se, entre as mãos dos senhores, não só um instrumento de apropriação, um meio de coerção, mas diretamente uma fonte de riqueza; ela produzia mais um rendimento paralelo à renda feudal, ou melhor, que fazia parte da renda feudal. As justiças eram fontes de riqueza, eram propriedades. Produziam bens que se trocavam,

que circulavam, que se vendiam ou se herdavam com os feudos ou, às vezes, separados deles. As justiças faziam parte da circulação das riquezas e da extração feudal. Para os que as possuíam, eram um direito (ao lado do foro, da mão-morta, da dízima, da taxa de ocupação, das banalidades, etc.); e para os que estavam sob sua jurisdição tomavam a forma de um foro não regular, mas a que tinham que se submeter em certos casos. O funcionamento arcaico da justiça se inverte: parece que remotamente a justiça tinha sido um direito para os que estavam sob sua jurisdição (direito de pedir justiça, se concordavam com isso) e um dever para os árbitros (obrigação de demonstrar o seu prestígio, a sua autoridade, a sua sabedoria, o seu poder político-religioso); daí em diante vai-se tornar um direito (lucrativo) para o poder, obrigação (custosa) para os subordinados. (FOUCAULT, 1997, pg.115)

Ao posicionar o leitor a respeito da complexa sobreposição de estágios progressivos constituintes da realidade, Lucács menciona que o traçado da atual narrativa romanesca traduz, na figura do herói, o coetâneo mundo em que vivemos. Nesse momento, o primeiro capítulo do livro "A Teoria da Tradução" aborda uma questão importante no que diz respeito a esse trabalho, porque o pensador começará a apresentar conceitos a respeito não só de como o delineamento do herói se transformou na narrativa, mas também a própria estrutura formal da narrativa moderna.

De agora em diante, qualquer ressurreição de helenismo é uma hipóstase mais ou menos consciente da estética e pura metafísica: um violar e um desejo de aniquilar a essência de tudo que é exterior à arte, uma tentativa de esquecer que a arte é somente uma esfera entre muitas, que ela tem como pressupostos de sua existência e conscientização, o esfacelamento e a insuficiência do mundo. Ora, esse exagero da substancialidade da arte tem também que lhe onerar e sobrecarregar as formas: elas próprias tem de produzir tudo o que até então era um dado simplesmente aceito antes (...). Uma totalidade simplesmente aceita não é mais dada às formas: eis por que elas tem ou de estreitar e volatilizar aquilo que configuram, a ponto de poder sustentá-lo, ou são compelidas a demonstrar polemicamente a impossibilidade de realizar seu objeto necessário e a nulidade intrínseca do único objeto possível, introduzindo assim no mundo das formas a fragmentariedade da estrutura do mundo." ( LUKÁCS, 2007, p.35)

Na composição romanesca, desaparece a visão de motivação presumidamente totalitária e uníssona da comunidade, afunilada nas motivações do herói, e germina agora a abundância de visões, e não há mais a intervenção das divindades. Na antiguidade clássica, pelo contrário, tanto a glória como o malogro do herói estavam minuciosamente ligados ao destino da nação:

Para os gregos, a decadência da vida como depositária do sentido apenas transferiu a proximidade e o parentesco mútuo das pessoas para uma outra atmosfera, mas não os destruiu: cada personagem que aparece está à mesma distância da essência, do

suporte universal, e portanto, em suas raízes mais profundas, todos são aparentados uns aos outros; todos compreendem-se mutuamente, pois todos falam a mesma língua, todos guardam uma confiança mútua, ainda que como inimigos mortais, pois todos convergem do mesmo modo ao centro e se movem no mesmo plano de uma existência que é essencialmente a mesma. (LUKÁCS, 2007, p.42)

Há, portanto, a tendência de se delinear o herói do romance empenhado em construir um mundo para si mesmo, podendo esse universo ser material ou metafísico, real ou utópico. Tem-se assim uma característica notável de distinção deste modelo épico em relação ao romance do século XX, uma vez que o protagonista transmite a sensação de estar cumprindo um destino histórico que lhe foi previamente determinado. Entretanto, também há algumas exceções que aparecem nas epopeias, como Tersites, no segundo canto da *Ilíada*, cujo corpo físico é descrito por Homero sem qualquer qualidade plástica, indispensável aos heróis épicos e, muito além disso, com deficiências graves de postura. Tersites ousa levantar a voz e insuflar os companheiros a desistirem da fuga e regressarem para os navios que os trariam de volta a pátria, e repreender o general Agamenon quanto à postura totalitária. Tersites é humilhado, espancado e compelido a calar-se instantaneamente, sem que possa encontrar qualquer reverberação para além da tênue aparição nesta narrativa, o que o torna diametralmente oposto a todas as outras personalidades constituintes da narrativa.

No romance moderno, o mundo é visto não mais como o berço da identificação transcendental entre o ser e a natureza, e sim como um cativo, que aprisiona o homem dentro de si mesmo. A nova representação do homem revela isolamento e desamparo, sem mediação divina, rodeado pela concorrência e ameaça de outros personagens igualmente habilitados. Nessa constante, Lukács chega a valer-se de imagens contundentes como "cavar um abismo entre nós e nós mesmos", e "entre eu e o mundo". (2007, p.31)

O círculo em que vivem metafisicamente os gregos é menor do que o nosso: eis por que jamais seríamos capazes de nos imaginar nele com vida; ou melhor, o círculo cuja completude constitui a essência transcendental de suas vidas rompeu-se à nós; não podemos mais respirar num mundo fechado. Inventamos a produtividade do espírito: eis por que, para nós, os arquétipos perderam inapelavelmente sua obviedade objetiva e nosso pensamento trilha um caminho infinito da aproximação jamais inteiramente concluída. Inventamos a configuração: eis por que falta sempre o último arremate a tudo que nossas mãos, cansadas e sem esperança, largaram pelo caminho. Descobrimos em nós a única substância verdadeira: eis por que tivemos de cavar abismos intransponíveis entre conhecer e fazer, entre alma e estrutura, entre eu e mundo, e permitir que, na outra margem do abismo, toda a substancialidade se dissipasse em reflexões: eis por que nossa essência teve de converter-se para nós, em postulado e cavar um abismo tanto mais profundo e ameaçador entre nós e nós

mesmos. Nosso mundo tornou-se infinitamente grande e, em cada recanto, mais rico em dádivas e perigos que o grego, mas essa riqueza suprime o sentido positivo e depositário de suas vidas: a totalidade. Pois totalidade, como *prius* formador de todo fenômeno individual, significa que algo fechado pode ser perfeito; perfeito porque nele tudo ocorre, nada é excluído e nada remete a algo exterior mais elevado: perfeito porque nele tudo amadurece até a própria perfeição e, alcançando-se submete-se ao vínculo. (LUKÁCS, 2007, p.33)

Em consequência da reflexão desenvolvida, Lukács considera que o herói das epopeias passa a ser representado pelo "herói problemático", sem que a denominação possa significar alguma associação ao antagonismo ou função paralelamente oposta à qualquer outro personagem central na narrativa. O termo "herói problemático" significa o herói moderno, solitário, inconformado com a conjuntura político-social do próprio tempo, não sabendo se adaptar ao nível de consciência, contradições, emergência de respostas rápidas, apresentando instintos e inspirações reprimidos e fragmentados. A perquirição pelo espírito ideal afim de promover um estado de excelência intrínseca, para além do corpo físico, deságua em notável frustração, perda de tempo, e esforço fadado ao fracasso dos "personagens problemáticos", por verem divorciadas as suas essências idiossincráticas dos adágios oferecidos pelos fundamentos distintivos da sociedade moderna, voltada à produção mecanicista de mercado controlado.

É notável que a construção literária do protagonista sofreu alterações substantivas, sendo as trajetórias do desenvolvimento narrativo marcadas, a princípio, pelos heróis épicos, divinos, virtuosos, acima do saber e força humanos. O alcance e valor vital dos poemas épicos de Homero – *Ilíada* e *Odisséia* – responsáveis pela preservação do período primitivo da cultura grega e pela difusão histórica da respectiva formação cultural, fazem do autor o nome que designa o período compreendido entre 1200 e 800 a.C.. Devido à ausência de fontes escritas, tais poemas caminham ao lado dos exames e descobertas arqueológicas da civilização que ofereceu os fundamentos filosóficos do mundo ocidental. Sugere-se, assim, a oportunidade de assomar breve exame sobre eles a fim de buscar entrever o modo como o herói épico era concebido.

Os poemas de Homero mesclam lendas e ocorrências históricas relacionadas às guerras entre os dórios e os aqueus (gregos). De maneira geral, pode-se dizer que *Ilíada* narra a Guerra de Tróia (cidade a noroeste da Ásia Menor), e *Odisséia* aborda o retorno do herói Ulisses a seu reino, Ítaca, após o fim da guerra. Os heróis possuem relevante hierarquia estética, sendo figuras únicas, vanguardistas e dotados de plenitude exemplar. Na *Ilíada*, Aquiles e Heitor,



com suas façanhas, aparecem como típicos representantes da nobreza e de seus valores: força física, destreza, desprezo pela morte. Ulisses, mesmo sendo o rei de *Ítaca*, tinha as qualidades típicas de comerciantes e piratas, como a astúcia, que nas aventuras muitas vezes sobrepujou a força física.(CANTÚ, 1987,p. 125)

O surgimento do herói épico em intempestivas aventuras é intimamente ligado ao período histórico do grego arcaico. Na *Ilíada*, tem-se o registro da primeira aparição do herói em toda a literatura. Trata-se do detalhamento dos valores coletivos gregos em busca do assentamento do território em torno do momento histórico da formação das cidade-estados. '

Na obra, cobrem-se apenas algumas semanas da guerra, cujo estopim é o rapto de Helena, esposa de Menelau, rei de Esparta, pelo príncipe de Tróia, Páris Alexandre. Este se vê obrigado a devolver Helena quando a cidade de Tróia é cercada pelas tropas do irmão do rei Menelau - Agamenom, rei de Micenas. Quando o mais valoroso dos chefes militares do condutor Agamenom, Aquiles, se recusa a combater por ter a sua escrava Briseida roubada por Agamenom, em substituição a uma outra mulher capturada, chamada Criseida, Agamenom envia Odisseus, sem sucesso, a fim de convencer Aquiles a retornar as atividades militares, pois os troianos, liderados por Heitor, passaram a dominar o cenário da guerra. Acuados, os gregos valem-se de Pátroclo, que assume lugar de destaque no duelo. Pátroclo é morto por Heitor, o que faz Aquiles voltar a atenção à batalha, novamente. Heitor é morto e entregue falecido ao pai.

A aparição do herói homérico Aquiles configura e sintetiza os próprios valores e ideais humanos da civilização grega da época. Neste herói, os conceitos de honra e virtude se unem a uma vocação de nobreza bélica, elevada coragem, fidelidade e generosidade. A própria disposição do ânimo de Aquiles em duelar contra Pátroclo acentua nele um caráter competitivo, que entendia que as grandes conquistas só possuem peso ético se resultarem de leal competição. Como menciona Nietzsche (1996, p. 80): “Cada grande heleno passa adiante a tocha da disputa; em cada grande virtude, incendeia-se uma nova grandeza”.

Ao longo dos séculos e através das diversas formações civilizatórias, o eco de Aquiles se perpetuou na produção literária ocidental. E como visto, a natureza das sociedades sofreu transformações intrínsecas. A partir do berço das ancestrais civilizações e da perspectiva da fixação do homem em territórios específicos devido ao domínio da natureza pela metalurgia e

agricultura, até chegarmos à doutrina antropocêntrica descartiana, o iluminismo do século XVIII (base filosófica da Revolução Industrial), e finalmente, à fragmentação social e técnica da produção capitalista do século XIX, o herói épico cessou de refletir o homem envolvido em seu atual estágio civilizatório. “O herói da tragédia sucede ao homem vivo de Homero, e explica e o transfigura justamente pelo fato de tomar-lhe a tocha bruxeleante e inflamá-la com brilho renovado” (LUKÁCS, 2007, p.33).

Nessa constante, o século XIII consagra o aparecimento de narrativas romanescas, registrando temas como o avanço territorial do cristianismo face ao feudalismo medieval e o advento do ideal feminino, visivelmente exposto no culto à mulher, quando o cavaleiro enaltece perenemente a amada, sem mensurar as ameaças de romper com os códigos éticos impostos. A essa altura, o protagonista surge com uma personalidade individualista incomum, subvertendo os valores homéricos tradicionais. O herói ainda se ajusta ao brioso cavaleiro dotado de força física, sobrelevado entre os demais, mas agora vacilante frente aos princípios da coletividade e desvalido da inequívoca confiança com que contavam os heróis ancestrais que descansavam na ligação sujeito-divindade-mundo. A narrativa começa a não apontar mais a coletividade e dramatização de um povo. Nesse momento, reconhecemos o relacionamento do personagem com o mundo que o cerca em função de impulsos personalíssimos focados em si mesmo.

No novo mundo, ser homem significa ser solitário. E a luz interna não fornece mais do que ao passo seguinte a evidência – ou a aparência – de segurança. De dentro já não irradia mais nenhuma luz sobre o mundo dos acontecimentos e sobre o seu amaranhado alheio à alma. E quem poderia saber se a adequação do ato à essência do sujeito, o único ponto de referência que restou, atinge realmente a substância, uma vez que o sujeito se tornou uma aparência, um objeto para si mesmo; uma vez que sua essencialidade mais própria e intrínseca lhe é contraposta apenas como exigência infinita num céu imaginário do dever-ser; uma vez que ela tem de emergir de um abismo inescrutável que reside no próprio sujeito, uma vez que a essência é somente aquilo que se eleva desse fundo mais profundo e ninguém jamais foi capaz de pisar-lhe ou deslumbrar-lhe a base? A arte, a realidade visionária do mundo que nos é adequado, tornou-se assim independente: ela não é mais uma cópia, pois todos os modelos desapareceram; é uma totalidade criada, pois a unidade natural das esferas metafísicas foi rompida para sempre. (LUKÁCS, 2007, p. 34)

Temos assim, o cenário norteador da tentativa individual dos personagens de sintetizar crenças, julgamentos, escolhas e ações autênticas, demonstrando um acentuado grau de integridade frente aos traços reputados constituintes e essenciais de valores como o refinamento do senso da beleza e dos sentimentos, entusiasmo à aprendizagem, disposição à

aceitação das diferenças individuais e pluralidade da vida etc. Não obstante, à medida em que a sociedade organizada atingia o atual nível de produtividade e desenvolvimento capitalista, todo o aspecto qualitativo das relações interpessoais e entre os homens e as coisas tendia a desaparecer, dando vazão a uma nova relação mediatizada e abstraída a partir simplesmente dos valores de troca quantitativos.

Diz Hegel, mais ou menos, que num Estado desenvolvido e organizado, em que há leis escritas, inúmeras especializações, etc., nenhum indivíduo é expoente e representante do todo. Tudo é infinitamente mediado. A cada indivíduo cabe apenas parte limitadíssima do todo. A organização geral domina, e nessa generalidade a vida do indivíduo é indiferente e marginal. Diz Hegel que somente na "época dos heróis", isto é, numa fase em que não haja ainda um Estado totalmente organizado, em que ainda não tenha surgido essa engrenagem sobreindividual, pode surgir o indivíduo exponencial, o herói que representou, de fato, a sua época. (...) Mas como dar uma visão do gigantesco mundo administrado, da burocracia universal, como dar uma ideia dessa engrenagem impessoal, anônima, através da história de um indivíduo ou até de um herói? Nenhum herói, por mais típico e medíocre que seja, pode realmente ser representante dos processos anônimos da nossa imensa engrenagem atual. Isso já foi visto por Hegel, há mais ou menos cento e cinquenta anos, por isso mesmo predisse ele o fim da arte. Parecia-lhe que a arte não pode mais absorver, não pode mais assimilar este mundo mediado, a engrenagem enorme que está surgindo. (ROSENFELD, 1996, p. 46)

Em muitos casos, uma obra de arte é capaz de cristalizar em si tamanha riqueza e se torna um dispositivo privilegiado de investigação dos diversos estágios da evolução social, o que se observa claramente no vigoroso paralelismo entre a estrutura romanesca clássica e o modelo de acumulação de capital dentro da esfera do liberalismo econômico.

Um dos pensadores modernos que mais se dedicou em descrever as características do "personagem problemático" foi Anatol Rosenfeld<sup>4</sup>. O autor mostra com clareza, através das

---

<sup>4</sup> Rosenfeld cursou filosofia, história e teoria literária na Universidade Humboldt de Berlim (1930-1934), mas foi forçado a interromper a confecção da tese de doutorado em 1935 devido a perseguição nazista. Anatol chegou ao Brasil no ano de 1937, e somente oito anos mais tarde começou a trabalhar como escritor e jornalista, firmando-se como colaborador para periódicos editados em língua alemã no Brasil. Pouco tempo depois, Anatol Rosenfeld já despontava como repórter e articulista de periódicos de grande circulação na capital paulista à época, como o Correio Paulistano, Jornal de São Paulo e Estado de São Paulo (consagrando-se como editor da seção de letras germânicas do Suplemento Literário deste último).

Algumas das suas publicações mais famosas se deram sobre interpretações literárias a respeito da obra de autores como Schopenhauer, Goethe e Schiller entre os anos de 1960 e 1970. Além de escritos em língua alemã para revistas especializadas em filosofia e estética publicadas em São Paulo (como a Iris e a Staden Jahrbuch), tratando dos mais diversos temas que oscilavam desde a fotografia até teoria literária, passando por assuntos sobre estética, cinema, teatro, entre outros.

obras *O Castelo* e *O Processo*, de Franz Kafka, a função desempenhada pelo herói problemático no fio condutor da nova fisionomia romanesca. Segundo Rosenfeld (1996, p. 48), a obra de Kafka, escrita no primeiro quartel do século passado, começou a exercer influência apenas em meados da segunda metade do mesmo século, chegando a modificar o clima cultural de nossa época, embora tenha surgido a partir de um humilde entre milhões. A obra de Kafka foi criada no isolamento, sem pretender à glória pessoal ou sequer visando a divulgação pública, uma vez que o mesmo inicia seu testamento com a exigência de que toda sua obra fosse destruída, já que a concebia apenas como testemunho pessoal, vinda de preocupações e anseios que somente a ele diziam respeito.

Rosenfeld (1996) diz que os romances kafkianos encontram-se em face de um novo limiar de cultura e traduz para a literatura romanesca a manifestação dos fundamentos de um novo modelo de vida, em um Estado desenvolvido e organizado, em que há leis escritas, inúmeras especializações, onde também as modificações decorrentes atingem as estruturas sociais, relações familiares e os próprios fundamentos das normas morais, em que pese nenhum indivíduo ser expoente e representante do todo.

Uma ferramenta consolidada para conhecermos a real grandeza do poder dos vigorosos aparelhos do Estado moderno, e principalmente para além do mesmo, ainda são os pensamentos de Michael Foucault presentes em *A Micro-Física do Poder* (1997), onde a natureza etérea da "classe dirigente" não a torna clara ou tangenciável, desaguando o exercício de poder em um conjunto de instâncias que funcionam em uma rotina de alternância pendular coercitiva.

A teoria do Estado, a análise tradicional dos aparelhos de Estado sem dúvida não esgotam o campo de exercício e de funcionamento do poder. Existe atualmente um grande desconhecido: quem exerce o poder? Onde o exerce? Atualmente se sabe, mais ou menos, quem explora, para onde vai o lucro, por que mãos ele passa e onde ele se reinveste, mas o poder... Sabe-se muito bem que não são os governantes que o detêm. Mas a noção de "classe dirigente" nem é muito clara nem muito elaborada. "Dominar", "dirigir", "governar", "grupo no poder", "aparelho de Estado", etc.. é todo um conjunto de noções que exige análise. Além disso, seria necessário saber até onde se exerce o poder, através de que revezamentos e até que instâncias, freqüentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções. Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui. Se a leitura de seus livros (do *Nietzsche e a filosofia* até o que pressinto ser o *AntiÉdipo*:

---

*Capitalismo e Esquizofrenia*) foi tão essencial para mim, é que eles me parecem ir bastante longe na colocação deste problema: sob o velho tema do sentido, significado, signifiante, etc., a questão do poder, da desigualdade dos poderes, de suas lutas.(FOUCAULT, 1997,p.122)

Com isso, reconhecemos que os fundamentos teóricos mencionados podem garantir uma noção substantiva do universo do protagonista Paulo, em "Habitante Irreal". Tais teorias serão usadas no próximo capítulo, quando uma comparação entre elas e a narração da obra literária examinada nos fará reconhecer em Paulo um legítimo herói problemático romanesco vivido na sociedade contemporânea, na qual tudo é infinitamente mediado e cabe ao indivíduo apenas uma parte limitadíssima no todo, diante da visão do gigantesco mundo administrado, da burocracia universal em forma de uma engrenagem impessoal e anônima.

Rosenfeld (1996) analisa a produção kafkiana como refletora da ironia e a visão profética de um homem condenado a ver o mundo com tão ofuscante clareza, que projeta, configura e posiciona a obra e a fisionomia do seu universo literário, em virtude da nossa época.

Kafka é nosso, do nosso tempo, totalmente, e pode-se dizer mesmo que o próprio Kafka já é parte e resultado da revolução das artes que se iniciou nos fins do século passado. É uma revolução que continua até hoje a abalar os fundamentos não só do romance, mas também do teatro, das artes plásticas e da música. De modo que Kafka já está dentro de um processo que se inicia antes de ele ter começado a escrever. Podemos dizer que faz parte da revolução geral em que se encontram as artes no nosso século, (...). Essa revolução, por sua vez é o esforço de assimilar, de um outro modo, um novo sentimento de vida, uma nova realidade, uma nova concepção do homem. Com efeito, toda a concepção do homem, toda a visão da realidade se modificaram em virtude das várias revoluções industriais que eclodiram desde os fins do século XVIII e que se vem repetindo, levando à industrialização acelerada e à tecnização do nosso mundo, criando uma nova realidade social e, por assim dizer, uma nova natureza. De fato, o homem criou, por assim dizer, uma nova natureza e esse produto do homem, que é a técnica e a ciência, por sua vez reproduz o homem à sua maneira. O homem torna-se, por assim dizer, produto do seu próprio produto, é modificado pelos seus produtos. (...) Semelhantemente, a nossa época encontra-se em um novo limiar de cultura. Parece-me que as modificações daí decorrentes vão atingir ou já estão atingindo todas as estruturas sociais, as relações de família, as próprias normas morais e provavelmente também as estruturas religiosas. Parece-me que nenhum setor da sociedade, nenhum nervo do homem, deixará de ser atingido. É naturalmente, um grande problema para o artista e para o romantismo assimilar a nova visão do homem e da realidade. É um grande problema para o artista, e para o romancista, em especial, assimilar essa visão nova na própria estrutura da obra. Isto é, assimilá-la não apenas tematicamente, não apenas falar sobre esta nova realidade, não apenas discorrer sobre estas novas experiências, mas manifestar tudo isso na própria estrutura da obra. (ROSENFELD, 1996, p. 42)

Isso exposto, valida-se a necessidade de trazer a este exame o exemplo inequívoco dos estudos de Anatol Rosenfeld (1996) sobre o herói problemático, que usa como modelo a obra de Kafka. O ponto de partida será as considerações de Rosenfeld, que soube fazer da escolha por Kafka apenas uma mídia para expor os seus conceitos gerais sobre o herói problemático, cujas características norteiam a fisionomia do protagonista moderno e se consagra em nossa época através de todos os romancistas em diversas formas. Também será considerado o que nos ensina George Lukács sobre o mesmo tema, em que pese a admiração sentida em qualquer investigador que se debruce sobre as ideias desses dois pensadores quanto ao arranjo único de expor seus pensamentos, ambos estão em sintonia e convergem para conclusões similares. Lukács ainda será importante para o estudo quanto à tendência de aparição de traços personalíssimos mais profundos do herói problemático, nas narrativas de nossa época.

Ela põe em cena seus heróis como homens vivos, em meio a uma massa circundante presa simplesmente à vida, de modo a fazer com que, do tumulto de uma ação onerada pelo peso da vida, resplandeça pouco a pouco o claro destino; de modo a fazer com que, por meio de sua flama, tudo o que é meramente humano reduza-se a cinzas, para que então a vida nula dos simples homens dissipe-se na nulidade, mas as afeições dos heróicos sejam calcinadas em paixões trágicas, e estas os retemperem em heróis se escórias. Com isso, o heroísmo tornou-se polêmico e problemático; ser herói não é mais a forma natural da existência da esfera essencial; antes é o elevar-se acima do que é simplesmente humano, seja da massa que o circunda ou dos próprios instintos. (LUKÁCS, 2007, p. 49)

Essas conclusões serão vitais na terceira seção deste exame, quando, através desses dois pensadores supracitados, chegaremos à conclusão de que o personagem principal do livro *Habitante Irreal* enquadra-se explicitamente como herói problemático.

### **3 O LUGAR DE PAULO E DOS BRASILEIROS NAS LUTAS POLÍTICAS DOS ANOS 80.**

O cenário político-ideológico em que vive o personagem Paulo da narrativa "Habitante Irreal" é formado por um conjunto de elementos ainda muito vivos e que possuem a sua origem na vida política pregressa do Brasil. Em virtude deste tratamento, este presente capítulo assumirá tom de descrição de fatos durante o período, atuando como base para o prosseguimento analítico do recorte pretendido.

Nesse sentido, trata-se da segunda metade dos anos 80, quando o Brasil, ainda resaqueado das agressões sofridas durante o regime de exceção, lutava para reencontrar a sua própria identidade democrática e se reafirmar como nação soberana. Com isso fica legitimada uma abordagem crítica e reflexiva sobre a história democrática brasileira dos anos 80.

As práticas e reações sociais podem ser explicadas pelos elementos modeladores do passado (que permanecem vivos através dos anos) como um dínamo de força motivador da práxis dos agentes sociais que constroem o presente. Para se abordar os eventos históricos marcantes que forjaram a fisionomia das lutas políticas da década de 80 no Brasil, devemos considerar que pelo menos dez anos antes do fim do regime ditatorial, em 1985, o presidente Ernesto Geisel já apontava para a vindoura reabertura democrática, a qual deveria ser feita de forma "lenta, gradual e segura".

No entanto, foram as "Diretas Já" – como ficaram conhecidas as jornadas de manifestações populares a favor da reabertura democrática no Brasil – que singraram a comoção social em torno do projeto político que culminara com o fim da ditadura militar.

As "Diretas Já" buscaram transmitir com mais eficiência a sua mensagem e provocar nas mentes dos brasileiros mais excitação e entrega pessoal à luta política. Neste momento histórico, a forma como foram explorados os veículos midiáticos nos dão a clara certeza de que, no que pese todos os brasileiros estivessem arrebatados pelas paixões políticas, os mentores da campanha possuíam sobriedade e frieza suficientes para arquitetar uma propaganda coesa e concatenada.

A estratégia norteadora da campanha das "Diretas Já" ancorou-se em ampliar o sentimento de nacionalismo vinculado a combater o regime de exceção. Com isso, políticos

das mais diversas matizes ideológicas se aliaram na mesma fileira de luta, o que concedeu à campanha um caráter amplo e agregador. Naquele momento, todo aquele que levantasse a sua voz contra o governo militar era bem recebido, desde comunistas a empresários, estudantes ou latifundiários, o que importava era a transmissão de um sentimento de unanimidade a favor da primeira eleição direta para Presidente.

A frase "Eu quero votar para presidente" escrita, estrategicamente em verde e amarelo, se estendeu a todo o país e passou a representar o anseio nacional. Desta forma, as cores nacionais simbolizavam que as "Diretas Já" não pertenciam a um partido ou uma ideologia, podendo passar livremente nos meios de comunicação e ser tal mensagem assumida pela grande maioria dos brasileiros.

O aparecimento de um sindicalismo renovado e ampliado foi outro fato histórico relevante e que colabora em esclarecer a atmosfera política vivida pelos brasileiros durante as lutas pela reabertura democrática. O sindicalismo alcançou força surpreendente, conseguindo alçar à pauta nacional as reivindicações dos trabalhadores, passando a ser reconhecido nacionalmente por muitos como instrumento de luta para as suas aspirações.

Os líderes sindicais souberam aproveitar o momento histórico para formarem uma plataforma política dedicada a uma agenda de lutas mais ampla do que originalmente são as lutas do operariado. Passaram a defender, por tanto, questões que envolviam os direitos sociais de todos os brasileiros, alcançando assim diversificados aspectos da vida em nossa sociedade. Como exemplo temos o combate à inflação; extensão da participação cívica nos destinos nacionais etc.

As questões sobre a participação popular nos rumos do país foi algo verdadeiramente novo e que provocou um clima de exaltação coletiva, o que contrariou inequivocamente as transmissões ideológicas do regime militar a respeito de sua intrínseca ligação com os interesses da organização nacional. Representando as pretensões da grande maioria da classe trabalhadora, o Partido dos Trabalhadores, fundado em 1978, levanta-se como um partido amplo, capaz de representar toda a classe trabalhadora e não apenas o operariado. Com um contundente discurso reivindicativo e anti-hegemônico, o PT se constituiu uma novidade no nosso cenário partidário.

Através de seu discurso e suas propostas, o PT surge como um partido genuinamente distinto dos demais, que operava a partir da sustentação vinda das massas, organizado em



torno da ideologia marxista-leninista, e formado por um conjunto de tendências políticas que lutaram contra a ditadura militar. Desta forma, o PT consegue se posicionar diante do eleitorado brasileiro como fiel representante de todos os trabalhadores, não apenas os que pertencem às linhas de produção fabril, e sim todos os assalariados.

No entanto, o principal desafio petista, já durante as eleições para governador em 1982, foi se desassociar ideologicamente do PMDB, reconhecido como o principal partido político que combateu o regime de exceção. Neste sufrágio, a frase "vote no três, o resto é burguês", foi cunhada estrategicamente pelo PT para atingir a classe média indecisa e descontente, além de inflamar os jovens que teriam a chance de votar pela primeira vez.

Em 15 de novembro de 1982, os brasileiros foram às urnas para eleger os governadores de seus estados, que assumiriam seus mandatos a partir de 15 de março 1983. Tal eleição, inédita desde 1960, se realizou através do "voto vinculado", ou seja, mais de 60 milhões de eleitores foram obrigados a votar nos candidatos do mesmo partido para o governo e demais cargos legislativos. O resultado desta eleição não pode ser desconsiderado, uma vez que grande parte dos deputados e senadores eleitos configuravam uma conjuntura política vinculada às tendências de centro esquerda, algo impensável durante o regime militar.

As incertezas, inseguranças e desapego à representação partidária eram demasiadamente grandes àquela época. Incertezas por basicamente dois principais motivos: a instabilidade econômica, que produzia uma inflação "galopante"; e a desesperança provocada pelo cenário dos atores políticos tradicionais que - no que pese foram importantes nos tensionamentos que provocaram o fim da ditadura - só buscavam reconfigurar os seus quadros partidários de forma fisiológica.

Neste cenário, a segunda metade dos anos 80 é marcada pela reabertura democrática após termos vivido vinte e um anos imersos ao chamado "anos de chumbo". Neste momento, ao menos uma certeza era inabalável, a de que o presidente eleito pelo colégio eleitoral seria um civil, fato que seria um marco decisivo para a inauguração da Nova República.

No dia 15 de Janeiro de 1985, ainda sob a égide da constituição de 1967, um Colégio Eleitoral constituído para eleger o sucessor do Presidente João Batista Figueiredo, e já apresentando uma fisionomia distinta à da época de endurecimento da ditadura, declara o ex-governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, o futuro presidente do Brasil.

Tancredo derrota o candidato Paulo Maluf com ampla maioria em sessão ocorrida no Congresso Nacional em 15 de Janeiro de 1985. Seu slogan era "Muda Brasil" e defendia um extenso programa de reformas no país. Com tudo, às vésperas da posse, Tancredo é internado às pressas durante a madrugada para uma cirurgia de emergência no Hospital de Base de Brasília, em um quadro clínico de gradual degradação.

Até o último momento muitos pensaram ter sido em vão todo o esforço do colégio eleitoral em eleger Tancredo, pois com a agravamento de sua saúde, e posteriormente a sua morte, cogitava-se a possibilidade de uma virada de mesa dos militares nos últimos minutos (o que não seria novidade em nossa história). A posse à Presidência da República do Vice-Presidente eleito ao lado de Tancredo – José Sarney – foi marcada por uma atmosfera de tensão e incertezas, uma vez que não se sabia ao certo qual seria a reação dos militares a respeito de passar a faixa presidencial para o então vice-presidente.

Sarney – que já havia assumido o Palácio da Alvorada interinamente em 15 de março de 1985 – é oficialmente empossado Presidente da República trinta e seis dias depois em decorrência da morte de Tancredo Neves. A partir de então passara a ser permitida definitivamente a oficialização dos partidos – que antes permaneciam nas trevas da clandestinidade ou agrupados em tendências internas do MDB – sendo convocada em seguida a Assembleia Constituinte que gerou a Carta Magna vigente até hoje. Essa onda democrática atingiu também a liberdade de se fazer passeatas e manifestações, algo severamente reprimido até então. Outro fator marcante foi o fim da censura da imprensa, a qual teve garantida a sua liberdade de expressão, como também a liberdade irrestrita da organização sindical.

Em 1986 ocorreu no Brasil a segunda corrida eleitoral democrática pós ditadura para governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Como marco desta campanha, podemos lembrar a aprovação no Congresso Nacional da lei n 7508, que instaurava o Horário Eleitoral Gratuito em rádio e televisão. Agora, com o aparecimento da televisão como o grande pivô das campanhas, o voto era disputado diretamente na casa do eleitor, e a imagem que o candidato transmitia passou a ter muito mais poder do que a sua trajetória ou até mesmo o seu discurso.

Nesta constante, a aparência, a simpatia, a confiança exercida pelo candidato, passam a atrair muito mais benefícios para a vitória da sua campanha do que propriamente a exposição precisa de suas ideias<sup>5</sup>. Este fenômeno midiático, que tantas vezes decidiu muitas eleições, já era conhecido em alguns países que não sofreram um regime de exceção tão prolongado como o nosso, no entanto para a sociedade brasileira da segunda metade dos anos oitenta, ainda era um fator desconhecido o poder da propaganda exercido nas corridas eleitorais.

Todavia, a despeito da habilidade de Sarney em dominar os meios de promoção da sua imagem pessoal, como também a sua notável destreza em cevar quadros político leais ao governo, aquele mandato não logrou vitória no principal desafio: o combate a inflação e a recessão econômica. Em 1986 o ministro da economia Dilson Funaro anuncia a substituição

---

<sup>5</sup> Afim de reforçar a afirmação supracitada, lembremos alguns eventos ocorridos em disputas eleitorais norte-americanas há, pelo menos, três décadas antes da nossa primeira eleição direta à Presidência da República pós ditadura militar. Nos Estados Unidos, o candidato à Presidência Dwight D. Eisenhower venceu seu adversário, o ex-governador do Illinois Adlai Stevenson, por duas vezes e muitos atribuem às suas vitórias o fato de Eisenhower dominar com eficiência a construção da sua imagem através da televisão. Mas foi na campanha entre John F. Kennedy e Richard Nixon, em 1960, que os americanos comprovaram o domínio da televisão sobre qualquer outro meio de comunicação. O ponto mais marcante nesta campanha foi a admissão dos debates ao vivo transmitidos via rádio e televisão, atingindo assim o maior número de pessoas e oferecendo informações instantâneas aos telespectadores.

Nixon - que havia exaurido muita energia em uma estratégia eleitoral questionável, pois percorreu todo os Estados Unidos em busca de consolidar sua votação - apareceu no primeiro debate televisionado com uma aparência fatigada, pálido e com a barba por fazer. Sem conseguir compreender a importância da publicidade envolvida na inauguração dos debates televisionados, Richard Nixon, não conseguiu reverter o efeito da má impressão que causou. Enquanto o seu oponente - John Fitzgerald Kennedy, ex-senador por Massachusetts - soube transmitir segurança aos telespectadores ao exibir uma pele bronzeada, trajas bem alinhadas e respostas incisivas como se houvesse sido treinado para isso. Nixon perdeu aquela corrida presidencial, não obstante ser visto como mais experiente e preparado por ter sido o vice-presidente nos dois mandatos de Eisenhower.

Muitos americanos que acompanharam pelo rádio o confronto entre os presidenciáveis em 1960 não entenderam porque Nixon perdeu a disputa naquele ano. Entra em cena a figura do estrategista, ou "marqueteiro", responsável por "fabricar" a imagem do futuro governante frente a opinião pública, aquele que descobrirá a forma mais eficiente de aproximar o político do eleitor.

do Cruzeiro pelo Cruzado e inaugura o primeiro plano de crescimento econômico da era Sarney. Os resultados foram frustrantes, o próprio governo não atingira as metas de contenção de gastos e os salários não alcançavam a subida dos preços.

O governo lança no final deste ano um segundo plano, o Cruzado II, que não obteve qualquer êxito. Em Julho de 1987 outro fracasso frente a recessão e a inflação, desta vez capitaneado pelo ministro Luis Carlos Bresser. O "Plano Bresser" sucumbia integralmente diante de uma inflação de 933% em 1988.

Em Janeiro de 1989, o novo ministro Maílson da Nóbrega inaugura o plano verão. Mas sem qualquer sucesso relevante em conter o aumento vertiginoso dos preços que dragava os salários dos brasileiros, o governo Sarney chegou a acumular uma assustadora inflação de aproximadamente 4.855%! E assim se avizinhava o fim do primeiro governo civil desde 1964, em um cenário de instabilidade e dubiedade quanto ao futuro, unido a um sentimento de euforia vinda da população devido a reabertura democrática ao final de duas décadas de ditadura militar.

Em 1989, chega ao fim o governo Sarney, bem sucedido em conduzir a consolidação da democracia no Brasil, mas ao mesmo tempo fragmentado por consecutivos fracassos na política econômica. Naquele momento o quadro partidário brasileiro era acentuadamente indefinido devido a diversas dissidências dos principais políticos do PMDB - que fundavam novos partidos ou migravam entre os partidos já existentes - testemunhando uma notável ausência de disciplina ideológica.

O Brasil de então desejava se afirmar como nação soberana e democrática, livre das opressões do pesadelo ditatorial. O ímpeto dos jovens era praticamente incontrolável. Jovens de todas as idades, porque juventude e euforia era o oxigênio das ruas.

Como alguém que se livra de uma aflição, cujo coração bate com mais força e mais rápido, o eleitor brasileiro elegeu antes de tudo, a imagem abstrata do seu primeiro presidente eleito após vinte e um anos. Coube, por tanto, ao candidato mais sagaz preencher o espaço vazio já construído pelo imaginário da população brasileira, perceber antes dos demais qual o perfil desejado na ocasião, e sintonizar o seu discurso à aquilo que o eleitor precisava ouvir. Em outras palavras, a campanha presidencial de 1989 inaugurou no Brasil a profissionalização do especialista na criação de "*jingles*". Em apaixonar e seduzir o eleitor, fazê-lo sonhar com dias melhores, o que passou a ser essencial para o sucesso de qualquer candidato.

Os mais renomados institutos de pesquisa apontavam como os objetivos centrais do presidente em potencial naquela eleição: atingir a antiga retórica populista apoiada no enfoque estratégico de planos de ação para combater as desigualdades sociais; impactar positivamente a população pela sua sensibilidade e erudição; exibir conhecimento multissetorial e interdisciplinar que o leguem a imagem de alguém capaz de dominar os setores estratégicos do crescimento econômico; o candidato deveria ser relativamente jovem, vigoroso, decidido e sem junção aos antigos políticos tradicionais (nem mesmo aos ícones que lutaram pela reabertura política); possuir caráter totalizador, mais ao mesmo tempo dinamismo para encontrar soluções criativas; ser honesto e assumir uma fala moralizadora.

Assim, em 1989, o Brasil parou à frente da primeira eleição direta para Presidência da República desde a eleição de Jânio Quadros em 1960. Surpreendentemente, o PMDB não consegue alavancar a campanha do deputado Ulysses Guimarães, mesmo tendo este sido um importante protagonista e um dos principais artífices da reabertura democrática, valendo-se, com isso, de muito prestígio e uma imagem favorável frente à opinião pública. Como também, Leonel Brizola – ex governador pelo Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro – não deteve "fôlego" suficiente para prevalecer no primeiro turno daquela corrida eleitoral. A disputa passara a se concentrar em dois personagens relativamente novos, com características bem distintas entre eles, a saber: o sindicalista Lula e o ex-governador de Alagoas Fernando Collor.

Com uma aparição acanhada, Fernando Collor de Mello contava com índices entre 2% à 4% em fevereiro de 1989. Vindo de uma família tradicional em Alagoas, prefeito de Maceió aos 29 anos e governador do Estado sete anos mais tarde, Collor surge na disputa eleitoral obscurecido por personalidades como Leonel Brizola, Mario Covas, Luiz Inácio Lula da Silva, Ulysses Guimarães, Paulo Maluf, e até mesmo Silvio Santos, cuja candidatura não vingou. Ao mesmo tempo em que toda a imprensa reunia as suas forças em torno da trajetória dos políticos mais tradicionais e de alguns escândalos de corrupção à época, Fernando Collor já chegava em março a 7% das intenções de voto.

Em 30 de março é exibido o Programa Eleitoral Gratuito do PRN (Partido da Reconstrução Nacional), em que Collor pode se valer de uma audiência de mais de 50 milhões de brasileiros. O resultado de sua aparição na televisão em rede nacional foi imediato. Pesquisas feitas pelo Instituto Gallup, quinze dias após o início dos programas eleitorais, já

apontavam Collor com 17%, à frente de Brizola e Lula, enquanto o Ibope mostrava Collor empatado com Lula com 15%, atrás de Brizola.

Passado um mês da divulgação desta pesquisa, Collor já despontava em primeiro lugar com 32% – em uma reportagem exibida pela revista veja em 31 de maio – se distanciando de Brizola (com 15%), e Lula (com 11%). A principal razão para tal crescimento nas intenções de voto ao candidato alagoano se dá, de forma incontestada, ao seu desempenho nos programas eleitorais em rede nacional. O aparecimento de Fernando Collor em rádio e televisão no dia 27 de abril de 1989 – pela segunda vez desde a deflagração da corrida eleitoral – no programa do PTR (Partido Trabalhista Renovador) só veio para consolidar ainda mais a viabilidade de sua eleição.

A essa altura da campanha, Collor já angariara a simpatia dos eleitores, e o seu marketing político apresentava um arrojo destacado com relação aos demais candidatos. Collor soube evitar o serviço mambembe que prestavam as assessorias e comitês aos seus candidatos àquela época, contratando para a sua campanha engenheiros e técnicos em telecomunicação para confeccionar os vídeos exibidos em rede nacional.

A intuição política de Collor, aliada à experiência da assessoria de sua campanha, perceberam as características do eleitorado daquele momento e dos discursos dos seus dois principais adversários, Brizola e Lula. O povo acabara de sair da asfixia do regime militar e, compreensivelmente, estava muito sensível a polarização entre direita e esquerda.

A partir desta constatação, os esquerdistas, Brizola e Lula, passam a concentrar seu discurso na defesa da interferência direta do Estado na economia, por um nacionalismo anti-imperialista, etc. Enquanto o ex-governador de Alagoas prometia incentivar a redução de impostos e entraves governamentais para a livre iniciativa do mercado, combater os desmandos dos "marajás" dentro do funcionalismo público, e enxugar os gastos públicos.

Fernando Collor reaparece para todo o Brasil pela terceira vez no dia 18 de maio no programa do PSC (Partido Social Cristão). A partir de então, Collor passou a dominar o cenário eleitoral com 43% das intenções de voto, como declara pesquisa encomendada pelo Ibope em 7 de Junho. Neste momento, a disputa mais acalorada da campanha era saber quem seria o adversário de Collor no segundo turno. Coube a Lula ultrapassar Brizola, e se afirmar frente a opinião pública em detrimento dos demais candidatos.

Em 15 de novembro começa o segundo turno entre Lula e Collor. A disputa se intensificava à medida em que se passavam os dias. E entre imputações de favorecimento à Collor pela imprensa e denúncias no âmbito familiar do candidato Lula, chegamos ao dia 16 de dezembro, véspera da histórica conclusão do segundo turno.

As pesquisas de boca de urna foram fiéis ao resultado da eleição (que só chegara alguns dias depois de terminada a votação que se deu ao longo de todo o dia 17, pois o país ainda não contava com a apuração informatizada dos dias atuais). Com 53% dos votos, Fernando Collor de Mello consagra-se eleito presidente do Brasil, contando com 35 milhões dos votos apurados. Certamente, o dia em que Collor foi anunciado vencedor da corrida eleitoral que marcara a transição democrática, se deu ao mesmo tempo o encerramento antecipado em alguns dias daquele ano, e também daquela década, que passaria a ser lembrado e revisitado pelo seu significado político para a nação através das gerações.

#### **4 LEITURA TEMÁTICA DO ROMANCE HABITANTE IRREAL**

O personagem Paulo pertence as fileiras militantes do Partido dos Trabalhadores, é um jovem de vinte e um anos, provável concluinte do curso de direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cuja atuação ativista é marcada pela entrega total das suas energias à favor da ampliação do alcance político de seu partido. Como sabemos, o contundente discurso ideológico estabelecido pelas correntes esquerdistas brasileiras ancoradas na filosofia marxista encontrou na fundação do PT, em 1978, oportunidade para operar suas doutrinas na luta política após a reabertura democrática no Brasil.

Neste cenário, as páginas iniciais de "Habitante Irreal" são consagradas a transmitir todo o sentimento negativo e a profunda frustração vividos pelo personagem devido a forma como passara a se configurar os jogos de poder dentro da tendência interna do seu partido. Paulo sempre buscou atuar de forma diletante, impulsionado pela idealização completa. Este sentimento de desalento do personagem é dissonante com o momento histórico de euforia vivido pelos militantes petistas na capital gaucha, já que, contrariando todas as expectativas e as pesquisas de intenção de voto, o candidato petista Olívio Dutra acabara de vencer as eleições para a prefeitura de Porto Alegre em 1988.

O personagem afirma ter se dado conta de que a força de suas ambições políticas não são suficientes para enfrentar o que ele mesmo chama de manipulações da gangue do segundo escalão dos filiados de seu partido, e este é justamente o principal motivo de desgosto do personagem, a saber: a profunda distância que se formou entre a prática política dos principais militantes do seu partido e os fundamentos doutrinários da filosofia marxista-leninista norteadoras do Partido dos Trabalhadores. O personagem Paulo afirma que os seus dias de militante político no PT transformaram-se em uma atuação teatral que atinge os limites do cinismo sem igual.

Na segunda metade dos anos oitenta, o Partido dos Trabalhadores no Rio Grande do Sul era formado basicamente por uma classe de intelectuais urbanos que se desenvolveu ao mesmo tempo que a própria industrialização na região. Constantemente estes intelectuais da classe média atuaram como ponto de tangência entre o operariado, ou "massa instrumental" e



o proprietário, ou "estado-maior da industria". Sobre este ponto de vista, cabia a tais intelectuais apenas ser comparados à soldados de baixa patente do exército. As suas vozes não eram ouvidas, não eram consultados durante o delineamento e execução dos planos de expansão industrial, cabendo a estes apenas a direção das fases elementares do processo produtivo.

A personalidade de Paulo é marcada por uma paixão à retórica e a investigação da verdade que o impele a atuar politicamente por uma inarredável fé à prática política concebida como um projeto inexorável de reconstrução da sociedade. Ele luta para por fim as aflições sociais causadas pelo mundo tecnocrático do capitalismo. Originalmente, tal visão de mundo certifica em Paulo um traço de princípios extremistas, dogmáticos, apaixonado pela doutrina política marxista.

Nesta constante, se faz necessário uma breve abordagem dos fundamentos elementares que regem a filosofia política marxista que orienta a atuação do protagonista de "Habitante Irreal". Como sabemos, a sociedade civil configura-se como o produto do estágio evolutivo das relações entre as forças produtivas. Tais relações podem ser entendidas como o resultado dos conflitos e lutas sociais entre os homens ao longo da história, como também da ação sobre a natureza conduzida por gerações anteriores à mesma sociedade.

Destarte, a sociedade civil encontra-se em um movimento perene de transitoriedade e mudanças ao longo da história. O modo de produção, ou as relações de produção podem ser entendidas como o resultado das relações concretas que os homens estabelecem em determinada sociedade e, por tanto, uma estrutura social historicamente determinada.

Uma vez esgotado historicamente um determinado processo de produção, observamos ao longo da história das civilizações o advento de novas dinâmicas e modos de produção. Ou seja, novas regras e doutrinas regulamentares para o comércio, desenvolvimento urbano, circulação da moeda vigente, na organização das relações de trabalho entre as classes sociais, no método de produção e distribuição dos excedentes agrícolas, os recursos tecnológicos, o nível de conhecimento científico, etc. Pensemos apenas em como se organizava social, econômica e politicamente o mundo medieval e a distância evolutiva entre este modelo de sociedade e a complexidade da fisionomia das sociedades do mundo contemporâneo.

As relações de produção combinadas com as forças produtivas caminham uníssonas na formação básica da estrutura social e econômica de uma dada sociedade. Esta relação de

reciprocidade cria o cenário de contradições históricas favoráveis às transformações sociais mais profundas. Tais transformações encontram-se diretamente vinculadas ao homem, o qual direciona os seus esforços no sentido de buscar transpassar as barreiras que surgem quando as relações de produção em dada sociedade já não representam mais o novo estágio de desenvolvimento das forças produtivas.

Este homem, detentor de tamanho poder de transformação social, se organiza nas diversas classes sociais antagônicas, marcadas pela hostilidade que muitas vezes se apresenta em caráter explícito - como revoltas, revoluções, greves, insurreições, etc. - ou latente - através da manifestação de valores ideológicos intrínsecos nos discursos.

A classificação entre as diversas classes sociais pode ser feita através da clara distinção das relações que os homens estabelecem em torno do modelo de propriedade em uma determinada sociedade. Com isso, de certa forma, a história de todas as sociedades ao longo dos séculos podem ser vistas como uma espécie de "luta entre as classes", quando examinadas através da forma como os homens se agrupavam e se diferenciavam em distintas classes sociais.

Consequentemente, contradição indissolúvel entre as classes sociais que constituem a sociedade civil pode ser entendida como a afirmação da representação material da existência humana, o cenário onde a história da humanidade se desenrola. Isso porque para haver concentração de riquezas nas mãos de uma elite dominante, necessariamente surgirá proprietários e não proprietários, exploradores e explorados. E com isso o dínamo de deflagração das hostilidades entre as classes sociais é alimentado. Ocorre dessa maneira que a classe privilegiada se apropria do capital sintetizado no valor do trabalho da classe explorada, que não o recebe e a essa espoliação se dá o nome mais-valia.

Dessa forma, uma característica intrínseca da sociedade civil é o fato dela ser singrada por classes sociais contraditórias. A classe dominante vale-se de muitos meios socialmente aceitos para buscar amortecer o desconforto inerente a exploração do poder de transformação produtiva da classe dominada. Entra em cena a mais admirável ferramenta de controle social da classe dominante, a ideologia burguesa e seus intelectuais. Esses deliberadamente encaram e passam a examinar cientificamente, através da sociologia burguesa, as diversas classes como um fato ou fenômeno natural autônomo, imutável e independente do nível evolutivo da consciência humana.

Com isso fazem crer ser natural as desigualdades entre os homens, almejando os tornar pacatos e suprimidos pela elite dominante. Assim a ideologia burguesa passa a atuar apartando os indivíduos das posições protagonistas face os diversos estágios de superação histórica entre as classes. Trata-se da ultra difundida ideia das classes possuírem natureza eterna, já historicamente posta, feita e totalizada em si mesma, capaz de ditar a forma de agir, sentir e pensar dos indivíduos limitados nela.

Não obstante, não há por parte dos que são explorados, uma aceitação pueril e bestial, como se as autoridades dominantes possuíssem um carisma nato, ou soubessem iludi-los usando credices irracionais. Na verdade, o poder legitimado juridicamente é tolerado pela população obnóxica. Como se observa através da historia, a partir da Revolução Industrial - quando o resultado da produção do trabalho humano passou do modelo de manufatura artesanal para a fabricação em série efetuada por máquinas especializadas - os trabalhadores perderam o domínio dos principais meios de produção, como também do resultado produzido pelos seus esforços e passaram a deter apenas a sua força de trabalho encarada de forma abstrata e explorada pela burguesia. Tal exploração - a mais-valia - tornou-se o dínamo de deflagração de muitas revoltas e insurreições dos trabalhadores que se traduziram no aparecimento de muitas ideologias que denunciaram os conflitos e os tensionamentos existentes entre os detentores dos meios de produção e os não-proprietários.

Ao longo dos anos, o desenvolvimento do capitalismo suscitou uma série de ideologias que disfarçavam a sublevação dos explorados quando a opressão dos proprietários dos meios de produção provocava um sofrimento que ultrapassava os limites da falsa concepção de convivência pacífica entre as classes antagônicas. Podemos perceber tal efeito ideológico quando os representante das classes expropriadas pelo modelo da mais-valia acreditam e reproduzem ser a fisionomia da sua classe uma fatalidade do destino. Eles mesmos se veem em uma realidade intransponível, obrigados a submeter-se compulsoriamente.

Como a burguesia se apodera injustamente da diferença e distância econômica entre operários e patrões, as novas doutrinas revolucionárias que nasceram no liminar da sociedade pós Revolução Industrial apregoavam que um patamar de desenvolvimento socio-econômico mais justo só poderia ser alcançado com a abolição da propriedade privada. Nesta constante, o comunismo passa a ser entendido como uma nova forma de organização social em que se dará a ruptura com o conceito burguês a respeito do direito à propriedade.

No entanto, o comunismo não se configura como o primeiro passo de evolução social a fim de solucionar as diferenças entre as classes antagônicas. Para isso a primeira fase da revolução proletária constitui-se na consolidação do socialismo, quando o capital será tomado das mãos da burguesia. De acordo com esta doutrina política, à medida em que os antagonismos classistas desaparecerem com o passar do tempo, não haverá mais a necessidade do Estado e com isso se dará o desenvolvimento pleno da humanidade.

Em geral, o socialismo apresentou ao longo dos anos muitas formas de aparição. No que pese o socialismo sempre surgir como contestação da configuração socio-econômica de determinada sociedade, muitos supostos socialistas não passavam de elementos decadentes da antiga aristocracia feudal que apostavam na excitação das massas contra a nova burguesia insurgente para reconquistarem o seu papel de destaque na sociedade. Destarte, a prática política destes socialistas pequeno-burgueses sempre assemelhava-se a um lamento, sem qualquer intento de construir uma nova sociedade na qual não se explorasse a mais-valia, mas sim de reestabelecer os antigos meios de produção e as antigas ordenações de propriedade.

O socialismo conservador, por sua vez, é o que buscava amenizar os impactos sociais causados pela burguesia ao explorar a classe operária. Por meios de programas sociais, a classe dominante busca oferecer diversas conquistas e ganhos materiais ao operário a fim de convencê-lo corroborar com a configuração da sociedade capitalista burguesa. Já os fundadores das teorias do socialismo crítico-utópico chegaram a reconhecer o antagonismo inerente às distintas classes sociais, mas não apontavam ao proletariado qualquer destino histórico revolucionário.

Por sua vez, para os pensadores comunistas é sobremodo infantil a simples denuncia dos mecanismos de alienação burgueses. A questão aqui não se resume apenas a aquisição de uma nova consciência entre os homens, ou uma espécie de correção teórica a respeito de crenças erradas transmitidas irresponsavelmente ao longo dos séculos. Estes filósofos reiteram que a alienação expiatória entre os homens de classes sociais antagônicas são objetivas e reais, e não subjetivas e etéreas. Tal alienação só poderá ser desmistificada se houver uma transmissão teórica aliada à prática objetiva e consciente dos revolucionários classistas.

Nesta constante, o jovem Frederich Engels publica em 1844 e em 1845 o *Esboço de uma Crítica da Economia Política* (1979) e *A situação da Classe Operária na Inglaterra* (1980), respectivamente. Nestes livros temos um estudo perspicaz da periodicidade das crises

econômicas e conseqüentemente a refutação da "Lei de Say" que prega a harmonia entre a produção e o consumo; a negação à teoria da população de Malthus pela afirmação da possibilidade da ampliação da produção agrícola através da aplicação dos recursos das ciências naturais; e a existência constante de um contingente de trabalhadores desempregados que designou como "exército de reserva de operários desempregados". Além de formulações voltavam-se a denunciar erros teóricos dos principais pensadores de sua época, como Adam Smith, Jean-Baptiste Say, Thomas Malthus, David Ricardo.

As ideias incorporadas as primeiras publicações de Engels influenciaram sobretudo o filósofo alemão Karl Marx a ponto de inaugurar os fundamentos de uma nova ideologia para a Economia Política com a publicação dos *Manuscritos Económico-Filosóficos* em 1845. Inaugurava-se a doutrina filosófica marxista, que defendia a necessidade da classe trabalhadora em tomar o controle dos meios de produção capitalista a fim de reverter a exploração da força produtiva do operariado. Em o *Manifesto do Partido Comunista*, publicado em 24 de fevereiro de 1848, Marx e Engels descrevem de forma sucinta e ao mesmo tempo eficiente a fisionomia do início da moderna industrialização capitalista e os fundamentos doutrinários dos ideais socialistas para a classe operária.

Ao analisarmos os efeitos da ideologia política no protagonista de "Habitante Irreal", concluímos que ele abandona as teorias políticas puramente idealistas, as quais limitam-se apenas a uma representação empírica distorcida da realidade. Para ele a ideologia assume uma relação afetiva e passional com o mundo que o cerca, o fazendo edificar um discurso contundente que o afasta de uma análise fria e cognitiva do cenário político à sua volta e o leva a uma linguagem carregada de energia e esperança. Pode-se facilmente aceitar que neste jovem é latente o desejo de integrar uma frente política que vive integralmente a doutrina filosófica marxista. Em outras palavras, se integrar a uma prática política voltada à construção do conhecimento prático-social em detrimento do abstrato conhecimento teórico.

Paulo, constantemente, assume um discurso de questionamento a respeito da trajetória política dos dirigentes petistas, sempre os apontando como traidores dos fundamentos filosóficos do seu partido, uma vez que não adotavam um discurso unicamente orientado à ação política. Na verdade, ao longo da narrativa observamos que tais militantes valem-se do discurso revolucionário para conquistar espaço e prestígio nas inúmeras instâncias políticas, sempre voltados a um plano de consolidação de poder e ganhos pessoais. À vista disso, temos

a configuração que valida a afirmação de ser Paulo um formidável exemplo de herói problemático. Baseando-nos no exposto no primeiro capítulo deste exame, a conduta dúbia, insegura e dividida de Paulo - sempre alimentando suas inquietações e conflitos internos responsabilizando os outros - obscurecido frente as incertezas sobre si mesmo e os rumos da vida, o configura como herói problemático.

A falta de motivação e identificação do personagem com a militância política é o pano de fundo para a descrição do seu estado emocional. Paulo parte de Porto Alegre em direção ao sul do Estado para aquela que, segundo ele, deveria ser a sua última participação na tendência interna do PT. Já no interior do Estado, pensa em permanecer todo o dia no alojamento e garantir alguma disposição física pra encarar os debates da manhã seguinte. Contrariando as suas previsões, os debates do domingo foram piores do que os do sábado. Paulo percebe-se entediado e desmotivado para enfrentar toda aquela argumentação e não espera até o final, abandona Pelotas e decide retornar à capital. "Queria loucura, impetuosidade que o aproximasse dos escritores franceses que lia, das letras das bandas dos anos sessenta, das histórias em quadrinhos europeias, da ferocidade rítmica do rap, das frases e atitudes que deveriam ser atuais e geniais, intermináveis e impossíveis. (2014, pg.12).

A pretensão de poder aqui apresenta-se na forma como os militantes oportunistas, inseridos em um partido de apelo popular único no Brasil àquela época, se revestem da autoridade intelectual daqueles que dominam o pensamento marxista. E assim buscam ajustar os seus discursos a fim de conquistarem a afetividade das pessoas e legitimar as suas práticas políticas. Desta forma, o rigor científico e a leitura crítica da realidade social ficam em segundo plano, importando para o militante "mal intencionado" saber como se aproveitar das teorias historicamente formuladas por Marx e Engels, para ajusta-las em seu "discurso revolucionário", em sua busca por obtenção de mais prestígio e promoção individual na sociedade.

Tal postura "dissimulada" de seus correligionários é justamente o principal desajuste de Paulo com o seu partido. É aquilo que o faz sofrer por se sentir impotente diante do status-quo partidário consolidado em torno de uma notável traição ideológica. Um projeto de poder que promove mais a promoção pessoal dos militantes do que a revolução social apregoada pelos mesmos.

De volta a Porto Alegre, ao dirigir pela estrada de baixa visibilidade devido a chuva que se tornara um temporal, Paulo avista no acostamento aquela que se tornará seu par romântico ao longo da trama. Como descrito na primeira vez em que a viu, era uma "indiazinha" segurando uma pilha de jornais e revistas contra o peito. Não há nada na narrativa que alegue que naquele instante o personagem já a desejava, o que nos faz entender que o seu único intuito era amenizar o incomodo e os riscos que passa alguém submetido a andar pelo acostamento de uma estrada perigosa sob um temporal que se intensificava.

Encontra-se Paulo, naquele momento, profundamente envolvido pelos pensamentos de decepção frente inautenticidade ou oportunismo dos carreiristas que se transvestem de revolucionários no PT. Conseqüentemente, o comportamento do personagem é de clara evitação, sempre esquivando-se a submeter-se a uma situação ao menos parecida com a que provoca em si sofrimento ou desilusão. Tal postura é observada ao longo da narrativa todas as vezes que o personagem ensaia se envolver com o PT, mas não chega a obter uma participação verdadeiramente decisiva.

Paulo, convicto em o quanto a índia deveria andar enfrentando os estorvos climáticos, dá meia volta na pista um quilômetro à frente do ponto em que a avistou e lhe oferece carona. O personagem falava tão pausadamente, como se ela fosse uma estrangeira. Neste ponto da narrativa, a iniciativa de Paulo em se dirigir à índia como se ela não fosse brasileira, evidencia que para ele aquela moça de traços étnicos tão característicos representava uma parcela da população sumariamente posta a escanteio do desenvolvimento social, configurando-se como verdadeira estrangeira dentro da própria nação a qual constitui. Vale dizer, por tanto, que no instante do seu primeiro contato com a índia, que se chama Maína, o personagem confessa subliminarmente que ainda permanece intacto em seu imaginário a mesma concepção acepcista que não enxerga as variedades étnicas que consolidam a sociedade brasileira e que vivem à margem dos grandes centros urbanos.

Maína tem apenas 14 anos e logo que a moça senta ao seu lado Paulo mergulha em seus pensamentos e prevê dificuldades com a Polícia ao longo da estrada. No entanto, como se fossem velhos conhecidos, a viagem prossegue sem que ambos deem a iniciativa de inaugurar um dialogo. Aquele silêncio em meio a uma situação completamente inesperada faz Paulo deixar escapar mais um diagnostico da sua realidade anímica quando a narrativa afirma que o

personagem diria à polícia, caso fosse parado, que "nos últimos três anos as coisas que fizera foram quase todas parte de uma inércia contagiante, de uma liberdade cega que precisava ser exercida com urgência não só por ele, mas por todos os brasileiros que passaram pelo regime militar e agora precisam prometer a si mesmos que podem ser justos e emancipados e felizes." (2014, pg. 22)

Quando chegam a um restaurante na beira da estrada, eles escolhem um acento perto da janela e longe dos olhares dos fregueses. A decisão do personagem em se afastar dos olhares do público pode ser recebida inicialmente como a confissão de um sentimento de culpa por estar sendo acompanhado de uma moça menor de idade. Mas ao mesmo tempo, uma iniciativa em avançar neste nascente jogo de sedução. Paulo passa um tempo no lavabo e quando volta encontra Maína já vestida com uma muda de roupa seca que ele a deu. Ele constata a beleza da menina, o modo gracioso do seu rosto mesmo ela não estando à vontade.

Para Maína a companhia de Paulo neste encontro imprevisto assume status de redenção. A moça é retratada desde o capítulo inaugural como representante de uma etnia genuinamente indígena, posta à escanteio na sociedade, e privada de muitos direitos oferecido pelo Estado. "Que não índio pararia na estrada e a trataria tão bem? Terminaria de comer o lanche que ele lhe ofereceu e, agora, só precisa usar algumas poucas palavras pra fazê-lo perceber seu desejo de entrar no carro cor de nuvem de chuva e acompanhá-lo aonde queira levá-la, mesmo que isso dure horas, o dia inteiro, até ela inventar uma língua que funcione pros dois." (2014, pg.23).

Ao longo da rodovia, passam direto por um acampamento indígena no KM 28 e decidem seguir juntos até Porto Alegre. Neste ponto da narrativa, observa-se que os dois personagens conquistaram uma sintonia e uma cumplicidade relevantes. A priori, a carona oferecida por Paulo a Maína era apenas para evitar que a desconhecida passasse pelo desconforto de se submeter a uma longa caminhada sob tamanha tempestade. Com tudo, a índia, ao permanecer inerte ao avistar a placa que aponta a entrada para a sua aldeia, parece gostar de estar com ele e querer continuar a viagem. Ao não tomar qualquer atitude e continuar dirigindo como se a aldeia jamais tivesse passado à alguns metros, Paulo nos faz deduzir que percebeu a convicção da índia em fugir de casa e pensa que, pelo menos ao seu lado ela estará mais segura.

A volta de Paulo à Porto Alegre, trazendo consigo Maína, deve ser analisada como um



marco na vida do jovem personagem. Com isso, o novo desafio a que se propõe o "herói problemático" traz ao mesmo tempo uma revira-volta em um terreno no qual ele não estava nada acostumado. Até então, podemos facilmente deduzir que Paulo nunca havia amado uma mulher, nunca havia se entregado a uma paixão. Observa-se pela conduta do personagem, que para ele as poucas atividades dignas de consumir as suas forças eram as que ele já conhecia a fisionomia antecipadamente. Ou seja, tanto a política como a universidade não ocupariam muito espaço em suas preocupações por serem sobretudo previsíveis.

Mesmo diante dos desajustes e descompassos; mesmo diante do abismo entre a visão a respeito de como deveria ser a práxis do PT e o que acontecia de fato; ainda que o curso de direito e a prática jurídica tenham se revelado contraditórios entre a estrutura teórica e formal do dever ser jurídico e a realidade social; ainda assim Paulo não sentia medo do inesperado. Em seu mundo particular nada era inesperado. Agora tudo mudou. Se entendemos que a carona oferecida na estrada à índia foi apenas um gesto de gentileza, devemos reconhecer que passar direto pela aldeia e não a entregar de volta assevera uma obstinação muito clara na mente do personagem. Desvendava-se assim um terreno inteiramente novo para ser guerriado pelo "herói", o coração e os sentimentos da moça.

Os dois seguem juntos para Porto Alegre. Paulo sabe que a casa está vazia, pois os pais estão viajando e a irmã encontra-se em um intercâmbio de um ano nos Estados Unidos. Ao estacionar em frente a casa o casal entra pela porta dos fundos e Maína é conduzida até o banheiro, quando recebe pelas mãos de seu *herói* algumas toalhas secas.

Enquanto Paulo se consome pensando no que deveria lhe oferecer para jantar, a índia abre o chuveiro e logo dá vazão aos pensamentos, protagonizando a cena que esclarece bem o que aquele instante significava para ela. Estar aonde estava, ter conseguido chegar tão longe, de forma tão rápida e sem esboçar o menor esforço, certamente representava para a jovem uma vitória pessoal completamente inesperada. Ter acesso àqueles elementos que pertenciam a um mundo tão distante, poder se regozijar com um chuveiro elétrico, brincar sem ser vista com o secador de cabelos - mesmo sem saber ao certo o que faz um secador de cabelo - e todo aquele cuidado tão inesperado a ela fez com que sentisse uma felicidade como provavelmente não havia sentido em toda a vida ainda tão incipiente.

Os cuidados repentinos de Paulo, vindo de um rapaz urbanizado, exatamente igual aos rapazes e homens que até então a trataram como invisível, sem dúvidas provocou um impacto

considerável em Maína. Entende-se que a moça sentia-se esvaziada de importância ou beleza, incapaz de atrair os olhares aguçados ao seu corpo que se transforma a cada dia. E há apenas 3 horas caminhava sozinha no acostamento, entediada pela falta de alternativas na vida, consternada com a escuridão que se deslumbrava todas as vezes que buscava olhar para o futuro e pensar a respeito da própria vida.

É certo que não poderia haver melhor lugar para a narrativa apresentar o momento inaugural entre os dois personagens. Obviamente, o cenário escolhido pelo autor assevera a margem da estrada como uma impactante alegoria que ilustra muito bem o abismo que existe não apenas entre os dois personagens analisados individualmente, mais também das camadas sociais às quais os dois pertencem.

De um lado, uma índia legítima, muito inteligente e perspicaz, que ao falar um português sem as concordâncias morfo-sintáticas que testemunham uma boa escolaridade, prova o quanto o Estado falhou em oferecer políticas públicas eficazes que alcançassem a todos os brasileiros. De outro lado deste *abismo* um jovem urbanizado com ares de cidadão do mundo, de notável inquietação intelectual, com um futuro promissor, sentado atrás do volante como um timoneiro que detém o controle da situação e escolhe quais serão os rumos, pois sempre saberá chegar ao melhor lugar.

Maína não previu chegar tão longe, no que pese desde que entrou no carro a personagem não cometeu um único erro capaz de fazer Paulo se arrepender de tê-la acolhido. Não se deve entender como mera fraqueza de espírito, ou incapacidade de se envolver, a singeleza de moça ao lado do seu bem-feitor. De fato, desde a estrada até o restaurante, a economia dos gestos de Maína, até o instante em que se vê sozinha no banheiro de Paulo, revela que a índia interpretava cuidadosamente um papel particular, como se inesperadamente a vida lhe desse a oportunidade de exercer um papel ao qual a muito tempo a jovem esperava nos sonhos mais recônditos. Cada sorriso diante do repentino *herói* alegava a vontade em alimentar ainda mais aquele momento e fazer com que os laços de atração mútuos se fortalecessem.

A sensibilidade de Maína a fez chegar muito mais longe do que jamais pensou. A moça se comporta exatamente como alguém que percebeu rapidamente que a oportunidade frenética que se desvendava à sua frente talvez jamais se repetiria tão palpável, tão tangenciável como a que ela passara a viver agora. A habilidade em conduzir a confiança de Paulo, a ponto de

deixa-lo à vontade em permitir que ela entre em sua casa, provoca em Maína uma satisfação semelhantemente sentida por aqueles que logram os prazeres da vitória vinda após um belicoso combate.

A descrição de como a personagem toma o seu banho, enquanto Paulo se ocupa em preparar uma janta para os dois, é a imagem exata da vazão da personagem de um sentimento a tanto tempo reprimido e que naquele momento pode desaguar imerso a água que a purifica das nódoas da ingratidão e desamor. O banho de Maína deve ser lido para nos fazer saber o quanto a moça sentiu fome e sede de dignidade ao longo de toda a vida. Os detalhes do prazer que sentiu ao deixar a espuma escorrer entre os dedos vão bem mais além do que um simples alívio que sentimos ao nos banharmos após uma jornada. Ela espremia os cabelos a fim de fazer cair aos ombros o que havia restado do creme guardado junta à janela, e fantasiava ser a vida tão gostosa como aquele instante. Maína soube aproveitar a delícia daquela vitória silenciosa, vitória que jamais alguém entenderia, ou ao menos aceitaria o que fez ao pensar nos riscos que passou ao viajar com um estranho e tê-lo permitido a levar onde chegou.

Ao sair do banho, Maína é levada ao quarto onde passaria a noite. Paulo a ensina como trancar a porta por dentro, e esse gesto faz o protagonista se sentir meio idiota, já que, para ele, não havia mais sentido qualquer medida de precaução da moça contra alguém que já ficou tanto tempo à sós com ela. À essa altura não carecia mais tentar convencê-la de que tal *herói* não pensava em se valer da vulnerabilidade para lhe fazer qualquer mal. A reação de desconforto ao explicar à índia como evitar que ele entre sem ser chamado revela que o personagem também se sentiu tocado pela proposta que se descortinou à sua frente: envolver-se com ela.

Já no gabinete de seu pai, sentado na cadeira de couro, Paulo não tem mais energia para pensar em nada e adormece. A televisão ligada serve apenas para embalar os seus sonhos. E Paulo sonha. Sonha com Maína, sonha em leva-la de volta para a sua gente, para aquele povo que embora pertencente a mesma nação, são tão desconhecidos como se porventura o personagem os tivesse encontrado além das fronteiras nacionais.

De fato, no sonho de Paulo não é preciso atravessar qualquer fronteira física para chegar àquela tribo posta à margem *do caminho*. Mas ao sonhar trazendo a filha daquela *nação*, Paulo se vê abrindo a porta a permitindo saltar, calculando uma distância capaz de aproveitar cada segundo que o resta da visão daquela moça, sem, contudo, ser visto pela

família dela. Antes de acordar, ainda transpassado pela atmosfera idílica deste sonho, Paulo se pergunta como pode ter sido tão inconsequente

Assim, aceita-se que Paulo já passara a nutrir também um certo interesse por Maína. Desta vez o personagem se deparava com uma mulher (uma jovem na verdade) que soube ser capaz de despertar nele algo novo, mais além do que a simples lascívia ou libidinagem. Ao desfrutar cada segundo em que avistava, em sonho, a moça antes de desaparecer para sempre acolhida por sua família, Paulo confessa já sentir carinho por ela também. Não obstante, ao excitar em conduzi-la até à casa, Paulo confirma neste sonho não ser seguro o suficiente para assumir o papel de companheiro frente a família da moça. Vale notar, por tanto, que os laços de união se intensificavam em ambos com velocidades desiguais.

Ao amanhecer Paulo surpreende Maína já de pé ao lado do fogão. Ela não quis fazer mais do que um café, mas cuidou de fazer o bastante para os dois. Paulo não precisa tomar nada mais do que isso, sabe que está atrasado para mais um dia no escritório de advocacia e se despede dela. Despede-se como se fosse direito dela permanecer na casa, mas sabia que quando voltasse a convenceria em regressar para a aldeia.

Neste ponto a narrativa detêm-se em descrever a rotina do personagem em seu escritório. Subentende-se que Maína tenha regressado a sua aldeia e o livro voltasse a retratar o jovem personagem em meio a ações de cobrança, despejos, revisões imobiliárias, etc. Paulo recebe a incomoda notícia da redução pela metade de seus honorários, após os sócios terem chegado a conclusão de que o valor arbitrado pelas sentenças, e redistribuído entre todos os que trabalham naquele lugar, era altos demais.

Reforçasse nesta descrição a impotência do personagem diante da forma como se configura o mundo ao seu redor. Indiscutivelmente, a forma como Paulo é tratado em seu estágio evidencia que aquele lugar amplifica no personagem o sentimento de frustração e debilidade. Os dirigentes daquele escritório de advocacia repentinamente mudam as regras do jogo e passam a pagar menos aos seus funcionários como se Paulo, e os seus colegas, não significassem nada, como se não pudessem exercer a menor reação, o que facilita reconhecer que tal ambiente consolida o feitio de "herói problemático" do protagonista de "Habitante Irreal". Indiscutivelmente, Paulo é anulado cotidianamente em seu estágio, sem que a sua voz seja sequer ouvida e atua como alguém esvaziado de importância, o qual se encontra ali apenas para operar funções elementares que qualquer outro estudante veterano poderia fazer.

Neste estágio, Paulo enfrenta uma atmosfera de desconfiança sobre a estabilidade das instâncias democráticas, como sabemos a segunda metade da década de 80 foi marcada pela retomada da regularidade democrática no Brasil após vinte e um anos de ditadura militar. Logo no seu primeiro dia como estagiário, o futuro advogado recebeu duas claras recomendações: nunca citar o nome do escritório em suas declarações e discursos e jamais participar de qualquer atividade política que pudesse ser rotulada de subversiva.

Normalmente Paulo surpreende os nove advogados que trabalham na banca comentarem sobre a democracia não estar tão sólida como se diz, sobre a expectativa do regime militar poder voltar. No começo, Paulo retorquia-os afetuosamente, chamava-os de paranoicos, buscando não revelar detalhes do ativismo de esquerda. Tal desconfiança só poderia surgir em uma década diferente da nossa, cujo horizonte dos desafios políticos eram distintos dos nossos, voltados a reconstrução democrática, ainda resaqueada pelas diversas formas de brutalidades totalitárias.

Embora a história se passe na segunda metade da década de 80, o dia-a-dia no estágio exercido por Paulo no escritório de advocacia declara que as mentes dos seus colegas ainda sofrem a influência da guerra ideológica e política do regime de exceção. No pequeno trecho de um diálogo entre Paulo e outros advogados, observamos o cuidado para se evitar um comportamento que possa ser reputado de subversivo.

O novo encontro entre Paulo e Maína se dá à margem direita do Guaíba e partem para a Ilha da Pintada, às margens do rio Jacuí. À essa altura Maína já havia sido convencida por Paulo a retornar ao ceio familiar, mas os laços entre os dois só cresciam. E ele passa constantemente a busca-la na mesma beira de estrada junto a sua aldeia.

À medida em que si encontram, cada vez mais se aproximam e se apaixonam, até Maína ser surpreendida com a visita inesperada do seu amado em sua aldeia. A ida de Paulo para a aldeia pode ser apurada como uma afirmação do que a índia passara a representar para o personagem. Entende-se que esse gesto de Paulo significa uma tentativa em conquistar um alcance ainda mais extenso na vida da moça e consolidar ainda mais os laços de amor entre os dois. Com a ida para a aldeia, ele pode conversar com as irmãs da índia (mesmo que tatiando nas palavras, mesmo sem saber o que dizer direito àquele povo de língua e cultura tão particulares), e pode se firmar como pretendente a remove-la daquele lugar e leva-la para viver junto consigo. Entendemos que Paulo já não se conforma mais em apenas encontrar o seu

amor às margens do Rio Guaíba, desta vez ele nos faz pensar que quer mais, que quer impedi-la de voltar atrás.

É notável como ele se dirige a ela como se fosse alguém que não o entende (mesmo depois de já haverem iniciado um romance e terem se encontrado tantas vezes) , a subjuga como se a barreira entre as línguas e hábitos culturais, e até mesmo a escolaridade a impedisse de interpretá-lo bem. Como é sempre mais fácil achar que a culpa é do outro, com esse gesto podemos deduzir que Paulo deposita na baixa escolaridade da índia - que não domina bem o português - uma suposta responsabilidade por não terem conquistado ainda uma sinergia mais profunda. Neste aspecto o personagem transparece que não foi capaz de se remover completamente de sua zona de conforto, não aceitando se abrir inteiramente ao amor e criar caminhos na relação com a sua namorada que permitam a ambos se entender melhor.

Ele tenta conversar fora da barraca com a sua irmã mais velha, mas ela parece não dominar muito bem sua língua. Maína vai ao seu encontro, organiza o que Paulo trouxe para comerem, quando o nosso "herói" se abre e deixa escapar mais uma de suas insatisfações sobre a configuração da sua vida. "Hoje eu pedi para sair do lugar onde trabalho. Lá é um lugar bom, onde eu fico pra ajudar e aprender. Os chefes são bons comigo. Bons pra mim. Tu entende? Só que não estou fazendo o que quero. Lá eu tenho que ajudar umas pessoas, uma gente que não quero ajudar". (2014, pg.45)

Ao se levantar, Maína pede que suas irmãs o abracem muito forte e quando ela faz o mesmo deixa escapar baixinho "A gente é junto e feliz". A narrativa exhibe as frases de Maína sempre curtas e as frases de Paulo sempre muito pausadas e lentas quando se dirige a ela. A reação do personagem em tratar a sua amada no diálogo como se carecesse de paciência para entender as sentenças pode ser analisada aqui como um dos motivos desta relação amorosa não ter atingido níveis mais profundos. É provável que a simplicidade na fala da índia não signifique burrice ou lentidão do raciocínio, e sim uma afirmação de que a vida pode ser mais simples, menos complicada, e que o ser humano deva buscar mais estar em paz consigo mesmo e com a natureza. Ou melhor, como se a realização plena do ser humano dependesse menos do esforço em se expressar e estivesse mais voltada a mergulhar em si mesmo e se entender melhor.

No entanto, Maína não demonstra ter em si o mesmo ímpeto do seu namorado para defender as suas ideias, e com isso permite ser anulada diante da falta de compreensão do personagem em enxergar nas diferenças da personalidade da índia toda a fortuna de aprendizado que ela pode oferecer. É como se Paulo entendesse que apenas as pessoas que decodificaram os signos e códigos academicistas são verdadeiramente dignos de serem ouvidos, e por tanto ele mesmo não se encontra apto para escutar a verdadeira voz de Maína, a voz do coração.

Paulo deseja se envolver com Maína, mas deseja à sua moda, do seu jeito. Como em todos os momentos em que se encontram Paulo se dedica a falar e falar sobre o cenário da sua vida e como tudo parece distante daquilo que um dia ele quis pra si mesmo, muito pouco o personagem se dedica a conhecer melhor sua namorada. Em nenhum momento da narrativa Paulo se interessa em saber o que a índia pensa a respeito da vida e quais são os seus planos para o futuro. Talvez não seja muito afirmar que o desafio de amar uma mulher com integridade tenha se transformado em mais um teatro no qual ele é o único ator e o único convidado. Ou seja, mais uma tentativa sem sucesso em desempenhar uma atividade na qual possa se orgulhar. Paulo fracassou como militante socialista, se frustrou como advogado diante do inexorável mundo profundamente midiático e dominado pela burocracia e descaso do Estado, e agora já sente que seu projeto de se inserir na delicada arte de amar começa a escorregar por entre os dedos.

Paulo volta para a cidade, e é neste momento que ele protagoniza o momento máximo de sua implicação com o PT. De volta à Porto Alegre, Paulo ingressa em um congresso de políticas públicas da cidade, naquele ano as eleições consagraram o petista Olívio Dutra prefeito desde aquele ano até dezembro de 1992. Paulo pede a palavra e inicia a sua fala com a tradicional saudação "companheiros, companheiras". Prontamente exhibe uma carta de desfiliação que é entregue à um membro da direção executiva do partido.

Ao ler o manuscrito original que detém em suas mãos, Paulo desabafa e se define como um militante atípico, que sempre precisou da compreensão dos que o cercam, vaidoso, e não ser o melhor exemplo de determinação e disciplina. Ao analisarmos os motivos que levaram aquele militante (experiente em persuadir pela fala) a escolher aplicar um grau tão intenso de tensão logo no início da oratória, concluímos que ele buscou se esforçar em se tornar, pelo menos enquanto durasse a intervenção, o centro de todas as atenções naquele

lugar. É como se ele soubesse que o espetáculo estava prestes a começar, no entanto, ao contrário de como as peças teatrais são executadas, Paulo só teria uma única vez para atuar. Ele sabia que não teria outra chance de se dirigir àquela assembleia e que depois do seu monólogo ele não seria aplaudido.

Paulo esforça-se em afirmar toda a sua preocupação a respeito da forma irracional com que as tendências hegemônicas da direção do partido vêm desprezando o debate democrático, reproduzindo as práticas carreiristas mais condenáveis. Exatamente neste momento o protagonista fortalece ainda mais o impulso de deixar bem claro a pretensão de não repetir a velha lamúria de quem não enxerga o quão difícil é a disputa com a direita, com os social-democratas, com os caciques dos meios de comunicação, banqueiros, empreiteiros, ruralistas, entre outros.

Logo em seguida, Paulo exhibe sua frustração com o desempenho da democracia interna em sua tendência partidária. Aqui o protagonista não volta as suas energias para o cenário geral brasileiro, e sim afunila e concentra os seus ataques à sua frente partidária em crise por abandonar os princípios leninistas de luta política e participação popular.

Em muitos diálogos de "Habitante Irreal", Paulo se declara trotskista, logo ele anseia enfileirar um partido genuinamente de classe, formado pela vanguarda do campesinato e do operariado, consciente frente aos tencionamentos na luta de classes, atento às adulterações reformistas da social-democracia. A forma como Paulo descreve os seus correligionários deixa claro um conflito muito comum entre os que aderem a uma corrente partidária marxista-leninista, esse conflito reside justamente na distância entre os dogmas teóricos e a prática exercida por seus militantes.

Para Michael Foucault (1997, pg.95) a prática e a teoria caminham juntas, em um revezamento onde a prática atua como instrumento à implantação de uma teoria que pode ou não ter sido desenvolvida especificamente naquele local. Ambas se interpenetram, desmistificando destarte o papel e a importância do intelectual clássico, detentor de uma visão além do alcance comum, arauto da "verdade" para os que ainda não a concebem ou para os amordaçados pelo poder vigente. Nesta constante, ao nos voltar ao estado anímico de Paulo, o analisando através do pensamento foucaultiano a respeito da junção indivisível da práxis com a teoria, percebemos o quanto deve ser lamentável para o personagem olhar para os lados e só enxergar em os seus companheiro ideológicos verdadeiros "pulhas" que só desejam um cargo



na máquina administrativa, pessoas venais que assumem um discurso ideológico, o sintetizam, e o fazem de trampolim para chegarem às secretarias, fundações, e gabinetes.

Não obstante, de acordo com a ideia de Foucault, o intelectual não pode mais ocupar o papel de "arauto de verdade" para os que não são capazes de interpretar profundamente toda a fisionomia do complexo emaranhado dos diversos tecidos sociais. Ou seja, à luz do que pensa Foucault a segunda frustração de Paulo já não é mais de fora para dentro e sim de dentro para fora. Pode-se dizer que ele é frustrado também pelo fato de não ser mais tão necessário o papel do intelectual em uma sociedade que conquistou tamanho índice de velocidade e acesso à informação,

Paulo dedica-se a denunciar "a verdade" aos que não a veem, ou não o querem, e comporta-se como o arauto da consciência daqueles que não podem dizê-la. O seu discurso assume ares pretensiosamente verdadeiro, revelador das relações políticas onde originalmente elas se ocultam aos olhos inadvertidos e bem menos treinados do "homem comum". No entanto as massas não necessitam dos intelectuais para construir os seus próprios saberes. A parcela da população historicamente posta à margem das grandes escolas e universidades são capazes de discernir, e até mesmo melhor do que os intelectuais, o cenário político em que se encontram inseridas.

Logo, torna-se uma constatação incontestável reconhecer que ao longo da sociedade burguesa opera uma espécie de censura que barra e invalida o discurso vindo da produção de saber das camadas sociais subalternas. Tal censura penetra de forma tão sutil e profunda em todas as tramas constituintes da sociedade à ponto de convencer os próprios intelectuais a atuarem erroneamente como agentes da consciência dos explorados, posicionando-se sempre à frente dos mesmos e perpetuando, talvez sem saber, esta postura opressora. Tal distorção, ou melhor, equívoco teórico, pode ser detectada e atribuída à personalidade de Paulo.

As massas não precisam dos intelectuais para tomarem consciência daquilo pelo qual devem lutar, as massas concebem muito bem o seu papel frente a sociedade. A constante mania dos intelectuais em geral de se posicionar "à frente das massas" para lhes lesionar, não é outra coisa se não a reprodução de uma ideia opressora e reacionária de legitimação da detenção de poder travestido em uma consciência vanguardista. Nesta constante, a própria representação partidária e sindical perde importância inerte à multiplicidade propositiva dos copiosos grupos sociais, que existem de forma autônoma e emancipada aos intelectuais.

À vista disto, o intelectual teórico deixa de ser a consciência representativa, e os que agem e lutam em prol das transformações sociais já não se encontram plenamente representados por um partido ou um sindicato que se posiciona como a consciência deles. Sobre esta questão leciona Foucault: "quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age. Nós somos todos pequenos grupos. Não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede." (1997, pg.118). Portanto, vale dizer que por mais que Paulo se esforce ao limite máximo das suas forças, sempre a sua contribuição individual será pequena ou quase insignificante. Seja por um lado porque a contaminação do oportunismo e da corrupção destroem o PT a ponto de perder a sua função revolucionária, seja porque, ainda que Paulo não tenha se dado conta, ninguém precisa da sua inteligência para entender os caminhos da sociedade, pois as camadas exploradas da sociedade são absolutamente capazes de formular suas próprias conclusões a respeito do seu papel na luta de classes.

Além disso, o conceito socialista lídimo de derrota necessária do capitalismo só encontra confirmação prática em uma composição capaz de reunir um destacamento avançado do proletariado. Mas quando Paulo olha ao seu redor, onde estão os explorados? Onde está a organização a partir das massas em um partido de classe? Assim, Paulo enxerga claramente diante de si a impossibilidade do seu partido, composto e orientado por protagonistas burgueses, detentores das melhores e mais requintadas benesses do Estado burguês (melhores escolas e universidades, melhor assistência à saúde, melhor amparo policial, entre outros), em fazer o que Antonio Gramsci nos exorta: "fundar um novo Estado", o que significa muito mais do que "corrigir" o Estado burguês.

O intelectual descrito por Foucault (1997, pg.45) não pode fazer se não reconfigurar o poder opressor, remodelá-lo, reestabelecer novas decomposições entre as diversas forças políticas, sem com tudo atuar revolucionariamente contra a dominação vigente. Como sabemos, na segunda metade dos anos oitenta, o Partido dos Trabalhadores no Rio Grande do Sul era formado basicamente por uma classe de intelectuais urbanos que se desenvolveu ao mesmo tempo que a própria industrialização na região. Constantemente estes intelectuais da classe média atuaram como ponto de tangência entre o proletariado, ou "massa instrumental" e o proprietário, ou "estado-maior da indústria". Sobre este ponto de vista, cabia a tais intelectuais apenas ser comparados à soldados de baixa patente do exército. As suas vozes não

eram ouvidas, não eram consultados durante o delineamento e execução dos planos de expansão industrial, cabendo a estes apenas a direção das fases elementares do processo produtivo.

Conseqüentemente, podemos partir deste conceito foucaultiano para lermos em Paulo um militante que vê a noção de luta política dos seus companheiros como algo sobremodo estúpido e hipócrita. Trata-se de uma luta que não é a dele, a qual ele não se identifica, no que pese ele mesmo ser um formidável exemplo de pequeno burguês. Uma luta classista elaborada por agentes políticos que se pretendem representativos e que se ocupam em falar pelos outros, em nome dos outros, dentro de uma organização de distribuição de poder vinculada a um discurso revolucionário que na prática é fomentado por aqueles a quem esse discurso não diz respeito. E isso porque, historicamente, tais intelectuais sempre tenderam a se vincularem à classe dominante durante os conflitos classistas.

Dando vazão à sua ira, Paulo obstina-se em apontar as contradições internas de sua tendência. E prossegue a fala afirmando que sempre ouviu falar dentro do PT em liberdade, na internacionalização do socialismo, na emancipação do homem e na tal dignidade do ser humano, sem sentir, contudo, a inclusão nos processos decisórios de todos os que trabalham e se sacrificam pra isso. As decisões do partido têm sido na base do conchavo, da manipulação, do cabresto, da patrolagem durante as convenções. Avançando em seu discurso, Paulo afirma que a democracia que deveria ser a base do PT passara a ser envergonhada com as alianças, concessões e vistas grossas que se instituíram como prática padrão do Partido dos Trabalhadores.

Em meio a sua agitação, não é difícil perceber que o que o personagem busca à frente dos seus companheiros é apenas perguntar se essa é a política de construção interna do PT que eles mesmos um dia conceberam. Notavelmente Paulo sente vergonha do que se tornaram. Sinceramente, Paulo age como se chegasse a pensar que alguns companheiros naquela sala sentem-se donos do partido, senhores iluminados do partido, se portando como grandes suseranos, como verdadeiros chefes de gangue. O posicionamento acusatório do personagem imputa que ele não quer participar desse loteamento que está excluindo os melhores militantes, os mais críticos, os tecnicamente mais capazes. Ao longo de sua fala Paulo evidencia pertencer ao grupo dos que pensam que para revolucionar o mundo deve-se revolucionar a si mesmo. Paulo olha para os lados e vê gente que não era pra estar no PT, mas que não apenas está no

PT, como são os que dão as cartas desde que venceram a eleição municipal. Para Paulo o PT era melhor alguns anos atrás.

Paulo a todo momento se desculpa como se relutasse em chegar até aquele ponto, em voltar-se à frente daquela assembleia e ser tomado por covarde, ou ele próprio se julgar um fraco, incapaz de compreender a conjuntura, a própria história, e desistir da luta.

Terminado o discurso, Paulo é surpreendido com a fala de um deputado eleito pela tendência pedindo-lhe que reavalie a sua decisão, o protagonista agradece, mas não se remove da sua posição. A princípio, ainda na reunião, Paulo se sente aliviado pensando no que disse ser capaz de influenciar alguém sensível à sua fala, mas logo é tomado por um avassalador sentimento de desolação ao se dar conta que a reunião prosseguiu simplesmente como se a sua fala, pretensamente bombástica, nunca tivesse sido proferida. A descrição do estado emocional do personagem deságua na imagem do seu corpo durante a saída daquela ambiente. Sem se despedir de uma amiga que o acompanhou e permaneceu todo o tempo ao seu lado, Paulo deixa esvaziar de sua boca um inaudível pedido de licença e abandona a sala e o partido.

Simultaneamente, sua relação com Maína se consolida cada vez mais e passam a morar de vez juntos, entregando-se mutuamente à amizade e à paixão. Partem juntos para o litoral norte, quando seus gestos de cumplicidade e entrega mútuos são cercados pelo cenário exuberante da Lagoa dos Barros. Em uma paisagem que mescla a água vindoura da serra e o leve odor do mar que não está distante, a narrativa permite ao leitor sentir uma transição impactante entre os dois ambientes vividos pelo protagonista, o primeiro urbano e carregado de tensão, o segundo rural e revitalizante.

Este traslado entre dois cenários tão distintos ajuda-nos a constatar que o jovem protagonista estava prestes a tomar uma decisão que o aliviasse do incomodo das desilusões e desgostos. Paulo decide se dá alguns dias de férias e rumar junto com a companheira para a casa de um antigo amigo de infância em Tramandaí. Como sempre, Maína não se opõem e nada pergunta. A sua aparente falta de atitude com relação aos rumos que a sua vida passara a tomar ao lado de Paulo pode ser vista como uma declaração de cumplicidade e, principalmente, confiança depositadas nele. Mas será que os olhos de Paulo tão acostumado à leitura conseguem notar o clamor de Maína por reconhecimento e afeição? As adversidades da vida fizeram de Maína uma mulher com apenas quatorze anos.

A determinação da índia - cuja as adversidades a fizeram uma mulher com apenas quatorze anos - em se entregar sem limites ao amado evidencia que para ela Paulo também representava, de certa forma, uma porta de entrada a um mundo urbano idealizado como cheio de oportunidades a serem exploradas. Ao se fazer indelevelmente presente ao lado de Paulo sempre que ele a buscava, Maína quer fazê-lo entender que ao seu lado ele também cresceria e se tornaria um homem melhor. Tal inclinação fica clara no trecho do livro em que a índia mergulha em seus pensamentos e "faz de tudo para acreditar que ela iria para uma vida melhor, acreditar no que seu povo entende ser a alma. Embora não consiga por sua própria conta imaginar como seria a abstração reveladora da alma, sonha todas as noites em um lugar diferente, onde não existem adultos, ou pelo menos adultos como o seu pai que sumiu quando ela estava com nove anos." (SCOTT, 2014, pg.87).

Maína engravida. Sua vida pregressa e a realidade de exclusão social sofrida pelos índios assumem o primeiro plano da narrativa. Ela é levada a amadurecer cedo demais agindo sozinha, sem contar com a presença daquele que agora se encontra dominado pelo compadecimento frente a insatisfação, já desligado do escritório de advocacia, sem qualquer atividade política, tendo largado a faculdade no último ano e abandonado a namorada grávida.

A jovem índia que um dia ousou projetar em seu peito os sonhos de uma vida melhor, encontra-se consternada, e teme morrer no parto. Maína nos faz enxergar a assolação que se tornou o cenário de sua vida, quando em entrevista com uma médica de Barra do Ribeiro, pergunta a idade em que a criança passará a ter a memória que trará consigo por toda a vida. Maína pensa em abandonar seu filho antes que ele possa se lembrar de seu rosto, voz e cheiro.

O casal se separa e Paulo, de volta ao ceio familiar, anuncia aos pais que partirá para Londres. Esta é a primeira vez que a narrativa apresenta a família do personagem, ausente ao longo de toda a história. A reação é impressionante, sem palavras, seu pai compartilha com o desejo do personagem em fazer uma longa viagem e sente até mesmo um alívio por ver algum rumo para a vida de seu filho nesta ida à Inglaterra, já desligado do escritório de advocacia, sem qualquer atividade política, tendo largado a faculdade no último ano e abandonado a namorada grávida.

Logo em sua chegada à Londres, Paulo encontra trabalho em restaurantes sofisticados, e aproveita pra ganhar dinheiro lavando pratos, entregando lanches, fazendo faxina, entre outros serviços. Logo faz amizade com outros brasileiros que oferecem para ele mais serviços,

e se deixa absorver por um inoportuno sentimento de culpa. O passado passa a ser o ângulo primordial de sua visão, já que neste ponto da narrativa não observamos mais qualquer sonho ou anseio do protagonista. Agora os seus olhos estão voltados para o pretérito. É como se Paulo tivesse viajado para tão longe a fim de enxergar o seu passado do alto, como os astronautas contemplan a terra que os prendia pelos pés.

A todo instante o personagem sofre por ter falhado nas diversas atividades que buscou desempenhar na vida, e a narrativa não anuncia sequer um plano do personagem para o futuro em Londres. Paulo não tem futuro, apenas trabalha com o que pode fazer, e isso para ele é muito pouco. Por não ter concluído o curso de Direito não pode atuar como advogado, e mesmo se houvesse se graduado, semelhantemente não poderia ser empregado em um país cujas leis são distintas das que ele se bacharelou.

Seus diálogos com os "amigos" que o cercam em Londres em nada se assemelha àquele jovem diletante capaz de enfrentar as barreiras intransponíveis do sistema excludente, àquele que queria mudar o mundo. E "bebe com gente desconhecida, alguns até mais jovens do que ele, gente vinda de todas as partes do mundo. Faz isso por curiosidade. Bebe até as coisas ficarem perigosas, por curiosidade" (SCOTT, 2014, pg.106).

Paulo assume uma postura individualista, não buscando mais a emulsão da sua alma à de outra mulher, defender os injustiçados, ou lutar contra a exploração do proletariado. Sente-se estranho, percebe-se pela narrativa que não é apenas a tontura do vinho, são os sonhos e a espera que não consegue suportar. Tanta pressão em sua mente caminhando ao lado de uma pressa que o fez estagnar. Não tem feito questão de pensar. Não sabe qual luta vale mais a pena. A vida está passando e aos vinte e poucos anos se considera um velho, embora não velho o suficiente a ponto de dizer para se mesmo que agora nada mais importa, mas é exatamente assim que a sua vida tem se configurado. E o vinho pegando, não há droga que possa desmontar Paulo mais do que o vinho O dia a dia sem direção em Londres o faz inapto pra sentir paixão de verdade, como alguns parecem sentir sem fazer força. Paulo agora percebe o quanto se permitiu ser tomado pela náusea, por uma náusea que o impede de lutar as suas lutas. Faça o que faça, não consegue mais se envolver.

Essa é a conjuntura da vida deste "herói problemático" quando conhece Renner, uma liderança "squatter" (como eram conhecidos os arrombadores das mansões e grandes propriedades em Londres). Renner era especialista tanto em arrombamento, como em invasões

à prédios abandonados para acolherem os desabrigados, valendo-se de brechas legais mais flexíveis quando as invasões se dão a favor dos desvalidos.

Ela apresenta Paulo à homens que o faram escolher um apartamento vazio na Elephant and Castle, e o fazem integrar o grupo como vigia, que ao piscar uma lanterna os avisa da aproximação da polícia. Paulo "tornou-se um *squartter*, não da espécie altruísta, mas dos que arrombam os imóveis que encontram vazios em conjuntos habitacionais do governo e *transferem* a posse por preços que variam entre oitocentos a duas mil libras" (SCOTT, 2014, pg.117). Paulo defronta um dos momentos de maior solidão de sua vida, quando começa a invadir as residências por conta própria e a formar seu próprio grupo de *squartters*. Neste ponto, quando a narrativa nos faz sentir que aquele socialista desapareceu (dando lugar a uma personalidade delinquente, transtornada e anti-social), observamos, não obstante, que aquele rapaz cheio de sonhos e vontade de mudar o mundo ainda não morreu, mas permanece vivo desde as regiões mais recônditas da existência deste *herói*.

Trata-se do início do segundo turno da corrida presidencial de 1989, disputada entre Fernando Collor de Melo e Luiz Inácio Lula da Silva.<sup>6</sup> O dia em que o PT - o antigo partido de Paulo fundado à 10 anos - poderia elevar à supremo mandatário o homem que povoou o imaginário do protagonista por tantos anos. Às vésperas do dia em que se definiria o primeiro presidente eleito desde 1964, Paulo não consegue dormir. No que pese o personagem ter decidido não votar, permaneceu parado - na manhã da votação - em frente à embaixada brasileira em Londres<sup>7</sup>, contemplando o prédio onde a urna foi aberta. Paulo está distante, mas ao mesmo tempo emocionalmente preso a um grupo de ruidosos petistas que se manifestavam calorosamente em prol de Lula.

Durante toda a sua juventude, Paulo se entregou por inteiro e não poupou esforços para

---

<sup>6</sup> À medida em que se aproximava o dia decisivo da votação que consagraria o primeiro presidente democraticamente eleito após vinte e um anos do pesado julgo da ditadura militar no Brasil, a campanha entre os dois presidenciáveis intensifica-se basicamente por dois motivos. O primeiro, perfeitamente compreensivo, constitui-se pelo fato de que, após duas décadas de asfixia política devido ao regime de exceção, o eleitor brasileiro votara muito mais vinculado ao calor das emoções do que em função de uma decisão sóbria e refletida. O segundo motivo que marcou a euforia vivida pelos brasileiros durante o segundo turno das eleições de 1989, é devido ao fato de que os dois candidatos se posicionaram em campos ideológicos distintos. De um lado Collor (ex-governador de Alagoas, identificado com as oligarquias nordestinas e setores reacionários da sociedade brasileira), de outro lado, Lula (candidato pelo PT), tido como representante da classe operária, vinculado aos trabalhadores historicamente esquecidos e explorados do Brasil.

<sup>7</sup> A embaixada brasileira em Londres foi o local onde todos os brasileiros residentes no Reino Unido puderam votar para presidente do Brasil durante os dois turnos da eleição presidencial de 1989.

ver a realização dos seus ideais socialistas triunfarem. E agora o seu corpo oferece a leitura de uma linguagem silenciosa, que não cede espaço às palavras, mas conduz o leitor à conclusão inequívoca que aquele dia foi para ele uma espécie de volta ao passado.

Neste trecho do romance, observa-se o poder que o discurso de verdade assume nas mentes dos indivíduos, não só a de Paulo, mas de toda aquela militância petista que se posicionara à frente da embaixada. Eles entoam cânticos e palavras de ordem, convergindo para um local de maior aglomeração de indivíduos que se identificam com aquele discurso partidário, unidos em torno do mesmo objetivo - elevar Lula à Presidência - e expõem as suas identidades ideológicas e afetivas em público. Cada um destes indivíduos possuem as suas próprias idiossincrasias e características únicas, no entanto convergem para o mesmo discurso, ou melhor para os mesmos "chavões", que os unem à uma "verdade" ideológica universal.

Ao ficar parado sem se retirar, ou mesmo se mover, em frente à embaixada brasileira em Londres – admirando os militantes petistas – o personagem age como se estivesse em um tipo de transe ou delírio. No entanto, é fácil entender tal reação se a vemos como uma admissão do personagem a respeito da intensidade, do magnetismo, que as atividades e manifestação políticas ainda exerciam nele. Com isso, a inconsistência de Paulo em permanecer contemplando o prédio para onde convergiram os militantes petistas, mas sempre de longe sem se envolver, simboliza o perfil de um personagem indeciso, sem saber qual decisão tomar, incapaz de agir cordialmente sincronizado com o seu chamado pessoal, com aquilo que o apaixonava. Esta cena foi narrada no romance da seguinte forma:

Paulo está em frente ao Consulado Geral do Brasil em Londres, está suficientemente bêbado para ter ido até ali atrás de notícias. Tem bandeiras do Partido dos Trabalhadores sendo agitadas em frente ao prédio, os mais animados gritam palavras de ordem, dizem que o Partido dos Trabalhadores não precisa pagar militante, porque a militância petista trabalha com o coração, e que chegou a hora da virada, hora de um salário mínimo decente, de honestidade e transparência, hora dos trabalhadores escolherem os rumos do país. Paulo poderia ter se habilitado a votar, como estão fazendo aquelas pessoas, contudo os prazos passaram, ele deixou passar. Não consegue se envolver, isso não é novidade, e não consegue ir embora da frente do consulado. Toda aquela alegria, toda aquela esperança: afeto, afeto que se encerra em peitos varonis. (SCOTT, 2014, pg.122)

A procura do herói problemático Paulo por uma reconciliação consigo mesmo é uma constante sempre presente em *Habitante Irreal*. A história transmite os conflitos internos de um jovem que luta em se aproximar daquilo que mais o apaixonava – representado neste



romance por três fatores: a militância política, o exercício do direito e o amor da namorada Maína – mas ao mesmo tempo, e com a mesma intensidade, não consegue atingir o exato ponto de tangência com os objetos das suas buscas.

Tal característica, intrínseca à Paulo, é compartilhada pela grande maioria dos protagonistas dos romances modernos. Assim nos adverte George Lukács (2007) que toda a narrativa moderna apresenta-se como uma luta por acomodação, uma busca física e/ou psicológica protagonizada pelo *herói*, e assim o mesmo se relaciona com o mundo que o cerca e com os outros personagens da narrativa. Por essa perspectiva, é que se pode chamar o herói das tramas modernas de problemático. E com isso, detêm-se, com clareza, a sutil mensagem que o autor Paulo Scott nos transmite ao intitular o livro de *Habitante Irreal*, já que a vida do personagem ao qual o romance é ancorado encontra-se em permanente experimentação, em constante busca por entendimento de si mesmo em função da relação com o mundo à sua volta.<sup>8</sup>

A partir da cena que relata as reações emocionais de Paulo em Londres, durante o segundo turno da eleição presidencial brasileira em 1989, a narrativa volta-se a descrever o cenário da vida de Donato (nome dado ao filho concebido pela índia Maína e Paulo, antes deste a abandonar para viver sua *aventura* particular no exterior).

Donato nasce na aldeia indígena onde vive a mãe. Desde os primeiros dias acostuma-se com a precariedade e a pobreza que oprimem aquele bolsão esquecido às margens do KM 28 da inter-estadual gaúcha. Trata-se de uma localidade *marginalizada*, posta a escanteio do progresso e do desenvolvimento urbano. Um lugar onde não existem os elementos mais elementares do poder do Estado como saneamento, saúde ou educação.

Donato é entregue pela mãe a um casal de geógrafos pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Durante este relato, não consta nas páginas do romance que a jovem índia recebeu qualquer conselho de sua família que a fizesse se remover da ideia de doar o próprio filho. Nem mesmo a mais singela tentativa por qualquer dos seus semelhantes em confortá-la e dizer que ela não o criaria sozinha, além disso, Maína não se conforma com a

---

<sup>8</sup> Portanto, é sobre este ponto de vista que se pode entender a diferença do herói moderno (ou problemático), concebido nos romances dos últimos séculos, com os heróis eternizados nas epopeias. Nos *clássicos épicos*, constantemente, os heróis aparecem vitoriosos e gloriosos. Toda a ação ao longo da *narrativa épica* serve para demonstrar o caráter aventureiro do herói, que mantém imutável o seu perfil ao longo da história em total sintonia com a natureza que o cerca e a comunidade a qual pertence.

assistência médica oferecida pela *cidade grande*. O que se lê é uma personagem aflita e angustiada por se vê desolada e vazia, sem esperanças quanto ao futuro e muito menos o futuro do recém-nascido Donato. Assim, a página inicial do capítulo intitulado *Luisa e a sua razão* descreve do seguinte modo o estado anímico de Maína antes de se separar do filho (SCOTT, 2014, pg.127): "já não há a tradição e receitas de cura de décadas atrás, não há de onde tirar folhas, raízes, ervas, não há mato e não há campo, fica só esse relacionamento de aproximação sempre fracassado, e a desconfiança em aceitar a medicina oferecida pelos não índios". Luisa e Henrique Becker são os doutores que *resgatam* Donato da tribo onde o casal de pesquisadores levantavam certos registros demográficos. O rapaz é envolto desde o primeiro instante por atmosfera de amor e carinho, cercado por todos os recursos que o dão uma excelente formação intelectual. Mas cresce sem ter o menor contato com Maína, sem sequer saber abertamente a própria origem.

O primeiro contato que Donato (agora um jovem pré-adolescente) tem com o passado é demasiadamente chocante, e muito pouco lembra a elegância e erudição dos pais adotivos. Em gesto escapista e obtuso, Luisa entrega à Donato um envelope. Neste estão uma foto de Maína e uma carta<sup>9</sup> em que a descreve, além de um sucinto relato sobre como ela foi encontrada morta após ter se suicidado!

Constam também no envelope uma gravação de áudio da voz de seu *pai*, registrada antes deste *herói* ter partido para o exterior, e o endereço de Angélica, uma velha conhecida de Paulo que reside em Pelotas (e que será mais tarde quem possibilita o encontro entre *filho* e *pai*, quando este resolve voltar para o Brasil). À essa altura da narrativa, são diversas as passagens que descrevem os conflitos emocionais sofridos por Donato ao longo da sua trajetória desde o nascimento até ter acesso ao envelope que descortinou parcialmente o conturbado passado. Donato, indubitavelmente, também é um tipo de *Habitante Irreal*<sup>10</sup>. Mesmo sendo privado do convívio da família biológica cedo demais, Donato traz consigo uma

---

<sup>9</sup> Nesta carta Maína confessa ter sido ela quem pediu à Henrique que adotasse Donato e que tais revelações só fossem entregues ao jovem quando crescesse.

<sup>10</sup> O próprio personagem Donato também pode ser analisado criticamente através das teorias de George Lukács a respeito dos elementos narrativos característicos do herói problemático.

consolidada carga cultural (sabendo pronunciar palavras e até mesmo construir sentenças inteiras na língua Guaraní; dominar a arte da caça e boa parte do efeito farmacêutico da botânica da região). Tal conhecimento, no entanto, ele não soube ao certo onde desaguar, pois quando passou a conviver na *cidade grande*, tudo o que este jovem aprendeu na cultura natal não valera mais do que mero entretenimento para os demais coleguinhas da escola e do condomínio de luxo na capital paulista. Donato não sabia com precisão se era índio ou cidadão urbanizado filho de um casal de intelectuais respeitados e bem sucedidos. Ou melhor, não sabia ao certo o limite das duas identidades e a proporção entre cada uma delas dentro de si.

O encontro entre Donato e o seu *pai* Paulo se dá no último capítulo do livro. A narrativa faz coincidir a decisão de Paulo em retomar a vida no Brasil com o momento em que Donato (já adulto e emancipado, e influenciado pela amiga Catarina) reúne forças para ficar frente a frente com aquele que lhe deu a vida. Tal capítulo possui menos de uma página e registra um encontro vago e aparentemente esvaziado de repercussão.

Provavelmente, a forma como o último capítulo foi concebido – tão curto e sem deixar qualquer indicio sobre o que se deu na vida dos dois personagens após tal encontro – declara a lacuna causada pela ausência de Paulo na vida do próprio filho (já que este *pai* nunca se deu conta da existência daquele rapaz que se tornara um profissional respeitado da Funai). Em meio ao esforço dos dois em traçar veredas através da fala que os façam *calcar com os pés* tantos anos desperdiçados, uma linha em especial nos salta aos olhos. Muito perto de findar o livro, Donato se desliga do que diz Paulo, não dando importância momentaneamente ao que o *herói* passara a falar, e se deixa levar pela nitidez do som da voz do seu pai.

Para o filho, aquela experiência representara ter acesso a voz daquele que até então ele só havia logrado conhecer envolto aos ruídos e chiados de uma gravação. Ou seja, a voz e a presença do homem que o gerou deixara de ser uma incerteza vaga e incipiente e passara a representar uma esperança. Esperança, aliás, é um sentimento que sintetiza bem os dois polos do romance *Habitante Irreal*. No começo, a esperança, do ainda jovem personagem principal, plenamente fragmentada ao longo dos capítulos, em mudar o mundo através da política. No final, a esperança de Donato - e também do leitor – parece ser a de que desta vez Paulo saberá aceitar a nova oportunidade que a vida lhe oferecera em criar laços consolidados e duradouros na relação com alguém que apenas quer se aproximar deste *herói*.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto neste trabalho, a narrativa dos romances não oferecem mais a atmosfera confortável e ingênua contida nos limites das aldeias onde se davam o desenvolvimento dos *clássicos épicos*. E isso porque o mundo que cerca o protagonista da *narrativa romanesca* é infinitamente mais insondável e imprevisível, onde o sobrenatural - se existir - não intercede pelo *herói*, fato que o transforma intimamente desde a sua essência e lhe altera, com isso, a personalidade, a moral e o caráter.

Sempre a partir dessa premissa, o presente trabalho buscou proporcionar uma abordagem sobre como o personagem Paulo do romance *Habitante Irreal* - de autoria do escritor gaúcho Paulo Scott - pode se encaixar como um exemplo da teoria de George Lucáks a respeito da representação do herói na literatura como *herói problemático*. Destarte, reconhecemos que - através do exemplo pontual do romance aqui estudado - toda composição narrativa moderna tende a traduzir na figura do herói - por meio dos seus traumas, dúvidas e conflitos - o estágio ou o nível de complexidade da sociedade à qual todos nós estamos inseridos.

Para realizar este estudo, foi manifestada a ideia do pensador Lucáks a respeito da notável metamorfose sofrida pela concepção autoral dos personagens nas narrativas ao longo dos séculos, contando-se desde os épicos homéricos até os dias atuais. Com o propósito de esclarecer bem o leitor deste trabalho a respeito do que pensa George Lucáks sobre o herói problemático, afirmamos que para o pensador o herói dos épicos históricos eram, em sua quase totalidade, revestidos de uma sintonia plena com a natureza e o mundo que os cercava, de tal forma que as suas ações eram seguras e os mesmos dominavam as repercussões de seus atos plenamente. Não obstante, os personagens nas narrativas contemporâneas apresentam-se, com o advento de sociedades muito mais complexas e midiáticas, severamente destituídos da mesma segurança e domínio com relação ao mundo ao redor.

Pode-se concluir que esse trabalho buscou oferecer uma leitura temática possível do romance *Habitante Irreal*, estudado em função do ponto de vista da teoria literária desenvolvida por George Lucáks a respeito dos elementos *narrativos romanesco*s vinculados ao protagonista tido como *herói problemático*.

## REFERÊNCIAS

Dissertação:

NASCIMENTO M. P. **Polifonia e emoções**: um estudo sobre a construção da subjetividade em Crime e castigo de Dostoiévski. 2010. 324p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

SOUZA, P. R. **Fernando Collor na imprensa brasileira**: Representações em torno da sedução e da satanização. 2008. 130p. Dissertação (Mestrado em história social das relações políticas) - Faculdade de Ciências Humanas e Naturais, Universidade do Espírito Santo, Espírito Santo. 2008.

Livros:

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad. Anthony Schumann. Ed. 12. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980

ENGELS, F. **Esboço de uma Crítica da Economia Política**. Trad. Maria Filomena Viegas. Ed. 14. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979.

CANTÚ, C. **Compêndio da história universal**. Trad. Joaquim Hardy. Ed. 8. São Paulo: Edameris, 1987.

ROSENFELD, A. **Reflexões sobre o romance moderno**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. Ed. 13. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

LUCÁKS, G. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. Ed. 34. São Paulo: Duas Cidades, 2007.

SCOTT, P. **Habitante irreal**. Ed. 3. São Paulo: Alfabeta, 2014

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**. Trad. Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Ed. 9. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

SOUZA, V. **Cultura e literatura**: diálogos . Ed. 7. São Paulo: Ed. 8. São Paulo: Editora do Autor, 2008.

REZENDE, M. **A ditadura militar no Brasil** : repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984. Ed.5. Londrina: Eduel, 2013.

FOUCAULT, M. **A microfísica do poder**. Ed. 8. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**.Ed.9. Petrópolis: Vozes, 1990.

MOITA, M. **Estratégia, Poder-Saber**. Ed.6. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

ROUSSEAU, J.J. **Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens**. Trad. Alex Marins. Ed.4. São Paulo: Martin Claret, 2005.

NIETZSCHE, F. **A disputa de Homero**. Trad. Pedro Sussekind. Ed. 11. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996.

Dicionário:

COSTA, A. **Dicionário geral de sinônimos e locuções da língua portuguesa**.Ed.2. Rio de Janeiro: Biblioteca Luso-Brasileira, 1960

LIMA, H. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**.Ed.10. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

SILVA BUENO, F. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**.Ed.10. Rio de Janeiro: Fename, 1976.